



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

ALINE ALVES SILVA

**VARIAÇÃO, HUMOR E PRECONCEITO NA MÍDIA DIGITAL:
A ATITUDE LINGUÍSTICA DE INTERNAUTAS NO YOUTUBE**

**CAMPINA GRANDE
2022**

ALINE ALVES SILVA

**VARIAÇÃO, HUMOR E PRECONCEITO NA MÍDIA DIGITAL:
A ATITUDE LINGUÍSTICA DE INTERNAUTAS NO YOUTUBE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Departamento do Curso Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Sociolinguística.

Orientador: Prof. Me. André Luiz Souza da Silva.

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586v Silva, Aline Alves.
Variação, humor e preconceito na mídia digital [manuscrito]
: a atitude linguística de internautas no Youtube / Aline Alves
Silva. - 2022.
53 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2022.

"Orientação : Prof. Me. André Luiz Souza da Silva ,
Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Variação linguística. 2. Linguística. 3. Preconceito
linguístico. 4. Humor. 5. Plataforma digital. I. Título

21. ed. CDD 410

ALINE ALVES SILVA

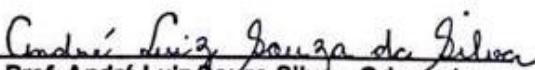
**VARIAÇÃO, HUMOR E PRECONCEITO NA MÍDIA DIGITAL: A
ATITUDE LINGUÍSTICA DE INTERNAUTAS NO YOUTUBE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Departamento do Curso Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa.

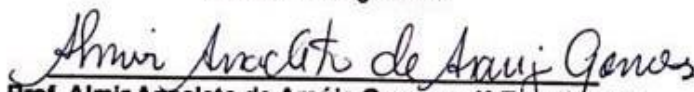
Área de concentração: Sociolinguística.

Aprovada em: 27/07 2020.

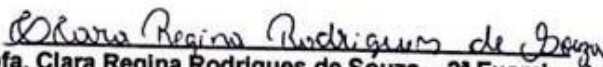
BANCA EXAMINADORA



Prof. André Lutz Souza-Silva – Orientador
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Mestre em Linguística



Prof. Almir Anacleto de Araújo Gomes – 1º Examinador
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
Doutor em Linguística



Prof. Clara Regina Rodrigues de Souza – 2ª Examinadora
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Mestra em Linguagem e Ensino

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, em especial a minha mãe Marly Alves, minha tia que é também como uma mãe Josefa Alves e minha tia Marlene, pois, desde sempre, me apoiaram e incentivaram para que eu me dedicasse aos estudos, incentivando-me e acreditando na minha capacidade.

Ao Prof. André Luiz, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pela dedicação e pela paciência, sempre muito solícito, compreensivo e atendendo às dúvidas. Serei para todo o sempre grata.

A todos os professores que me ensinaram na graduação, pois proporcionaram experiências relevantes para minha futura jornada profissional

Agradeço as minhas irmãs, Alane, Angeliane, Angela e Angelica Alves, que sempre me encorajaram a realizar o trabalho de conclusão de curso, apoiando-me incondicionalmente.

Às minhas colegas de classe da graduação, que se tornaram amigas da vida, Marcelle, Gislaine e Raíssa, que foram companheiras nos bons e maus momentos, e tornaram essa jornada mais leve.

Também deixo um agradecimento especial a minha minha prima e amiga Maria da Conceição, por me apoiar durante toda a minha caminhada e me compreender especialmente nesta etapa final.

Por fim, agradeço especialmente aos professores da banca, Clara Regina Rodrigues de Souza e Almir Anacleto de Araújo Gomes, pelo tempo dedicado à leitura do texto.

RESUMO

Aline Alves Silva¹

A ideia de erro na língua é bastante difundida na cultura da nossa sociedade, tendo sido reforçada pela concepção historicamente presente nas aulas de língua portuguesa de que a língua correta é aquela escrita/falada na forma padrão. Essas noções de certo e errado desconsideram a variação linguística, característica natural da língua, que é heterogênea, instável e está constantemente em processo de transformação. Ao considerar um contexto de uso da linguagem, as redes sociais digitais propiciam ao usuário a facilidade de estar em contato com muitas pessoas que compartilham das mesmas opiniões, isso faz com que muitos se sintam à vontade para emitir julgamentos com a segurança de que irão encontrar aceitação. No *Youtube* é fácil identificar vídeos feitos com o intuito de reagir a “erros de português” e que são repletos de comentários que menosprezam as variações linguísticas. Tais vídeos se justificam apenas pelo propósito de “fazer graça”, mas percebe-se que se torna espaço no qual o preconceito linguístico, revestido de humor, é disseminado sem moderação. Esta pesquisa tem o objetivo de analisar a ocorrência de preconceito linguístico em vídeos e comentários no YouTube com a temática “pessoas falando errado” e “piores erros de português” para fins humorísticos. A presente pesquisa é de cunho qualitativo de base interpretativista. A análise se realiza com base nos estudos da variação e atitudes linguísticas, de autores como Bagno (2007, 2009, 2013), Bortoni-Ricardo (2014), Kaufman (2011), Labov (2008), entre outros; e nos estudos na área do discurso do humor de autores como Bergson (2018) e Possenti (1998, 2007, 2009).

Palavras-chave: Variação linguística. Atitudes Linguísticas. Preconceito linguístico. YouTube. Humor.

¹ Graduanda do curso de Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).
E-mail institucional: aline.alves.silva@aluno.uepb.edu.br

ABSTRACT

The idea of error in the language is quite widespread in the culture of our society, having been reinforced by the conception historically present in Portuguese language classes that the correct is the one written and spoken language in standard Portuguese. These notions of right and wrong disregard linguistic variation, an innate feature of the language, which is heterogeneous, unstable, and constantly in a process of transformation. When considering the context of language use, digital social networks provide the user with the ease of being in contact with many people who share the same opinions, this makes many feel comfortable making judgments with the certainty that they will find acceptance. On YouTube, it is easy to identify videos made to react to “Portuguese errors” and that is full of comments that belittle linguistic variations. Such videos are justified only for “making fun”, but it is clear that they become a space in which linguistic prejudice, coated with humor, is disseminated without moderation. This research aims to analyze the occurrence of linguistic prejudice in videos and comments on YouTube with the theme “people talking wrong” and “worst Portuguese mistakes” for humorous purposes. The present research is qualitative with an interpretive basis. The analysis is based on studies of linguistic variation and attitudes, by authors such as Bagno (2007, 2009, 2013), Labov (2008), Kaufman (2011), Bortoni-Ricardo (2014), among others; and in the studies in the area of humor discourse by authors such as Possenti (1998, 2007, 2009), Bergson (2018)

Keywords: Language varieties; language attitudes, prejudice linguistics

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - IMAGEM “EM PORTUGUÊS EU DISTRÓIO” VÍDEO 1	39
FIGURA 2 - IMAGEM "LAVE AS MÃO" VIDEO 1	40
FIGURA 3 - IMAGEM "PROSIMO DO MURO" VÍDEO 1	41
FIGURA 4 - IMAGEM "ÁTENSÃO" VÍDEO 1	42
FIGURA 5 - CAPTURA DE TELA COMENTÁRIO “português mau dizido” VÍDEO 1... 43	
FIGURA 6 - CAPTURA DE TELA COMENTÁRIO “chega dá arrepio” VÍDEO 1	43
FIGURA 7 - CAPTURA DE TELA COMENTÁRIO “como futuro professor de língua portuguesa” DO VÍDEO 1	44
FIGURA 8 - CAPTURA DE TELA COMENTÁRIO “como professora de letras” VÍDEO 1	44
FIGURA 9 - CAPTURA DE TELA COMENTÁRIO “eu corrijo todos” VÍDEO 1	45
FIGURA 10 - CAPTURA DE TELA COMENTÁRIO “região chamada tarará” VÍDEO 2	47
FIGURA 11 - CAPTURA DE TELA COMENTÁRIO “Somos todos tarará” VÍDEO 2.....	47
FIGURA 12 - CAPTURA DE TELA COMENTÁRIO “o povinho pra falar feio” VÍDEO 2	47
FIGURA 13 - CAPTURA DE TELA COMENTÁRIO “ri tanto que até chorei” VÍDEO 3 .	49
FIGURA 14 - CAPTURA DE TELA COMENTÁRIO “essas pessoas falando errado tem muita piada” VÍDEO 3	50

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 VERTENTES DA SOCIOLINGUÍSTICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	15
2.1 Outras considerações: o preconceito linguístico na imprensa e na mídia	18
3 ATITUDES E CRENÇAS LINGUÍSTICAS	24
3.1 O humor como efeito de uma atitude discriminatória	29
4 METODOLOGIA APLICADA	33
4.1 O locus de pesquisa	34
4.2 Parâmetros de coleta e vídeos selecionados	35
5 PRECONCEITO E RISO A PARTIR DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	37
5.1 Análise do preconceito linguístico em publicações na rede YouTube	38
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

A língua, assim como a sociedade, é heterogênea e está em permanente processo de transformação. Sendo assim, a variação linguística é um fenômeno completamente natural e, conforme Bagno (2007, p. 36), “a língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita”. No entanto, ao contrário do que deveria, naturalmente, ocorrer, essa variação não é bem aceita por grande parcela da sociedade, que segue a crença de que existe o falar/escrever “certo” ou “errado”, e não aceitam a mudança e variação que se distancie minimamente da norma-padrão que convencionam como a melhor forma linguística.

Essa noção de erro é associada a fala de pessoas menos privilegiadas socialmente, aquelas com menor poder aquisitivo e grau de instrução formal. Dessa forma a concepção de língua como algo construído e pronto propicia a manifestação de um tipo de preconceito que discrimina o falar diferente. Assim, o preconceito linguístico é bastante difundido em diferentes áreas sociais, que vão desde a escola, que por muito tempo (e ainda hoje isso ocorre) ensinou que o português correto é aquele que está de acordo com a gramática normativa e ortografia oficial e que desvios devem ser corrigidos, independentemente de onde ocorrem e se atrapalham o objetivo de comunicar. Nesse contrato, até os meios de comunicação, que concedem espaço para a disseminação das ideias de certo e errado, também exercem grande poder de influência para a manutenção desse preconceito.

Ainda, levando em consideração o impacto que os meios de comunicação têm na reprodução de preconceitos, uma vez que a manifestação dessas ideias é resultado do meio social no qual o indivíduo está inserido, é pertinente destacar que a internet se configura como item de grande capacidade de disseminação, por possibilitar a divulgação de ideias sobre os mais diversos assuntos de maneira mais democrática que os meios tradicionais de comunicação. Essa característica permite que qualquer pessoa tenha o poder de divulgar informações da maneira que desejar e possibilita o alcance de um enorme número de pessoas que compartilhem da mesma ideia; bem como no ambiente virtual as redes sociais digitais propiciam o cenário ideal para interações de pessoas, facilitando que opiniões sejam propagadas com maior rapidez e efetividade.

Dentro desse cenário, destaca-se aqui a plataforma de compartilhamentos de vídeos *YouTube* que funciona como uma rede social, na qual qualquer pessoa tem a permissão de postar vídeos sobre o tópico que lhe interessar, desde que dentro das diretrizes da plataforma, e os espectadores podem interagir através de comentários. No *YouTube*, há vídeos que conseguem alcançar grandes números de visualizações e comentários, que variam de acordo com popularidade do produtor de conteúdo e a relevância do assunto no momento. Com esse alcance, os produtores de conteúdo acabam se tornando formadores de opinião com enorme poder para influenciar. Em meio a tantas pessoas, existem aquelas que têm o cuidado de produzir conteúdo responsável que contribua com a sociedade ou que pelo menos não seja ofensivo, mas existem aquelas que não se dão conta, ou mesmo não se importam, que propagam opiniões preconceituosas.

Em relação ao preconceito linguístico, ao pesquisar termos como “pessoas falando errado” e “piores erros de português” os resultados são inúmeros vídeos com essa temática, não apenas com propósitos educativos, mesmo que feitos de forma inadequada, mas também se encontram muitos com o único propósito de rir de pessoas que apresentam variações de fala e escrita desvinculadas da norma padrão ou dos padrões ortográficos. Alguns desses vídeos apenas apresentam *prints* e áudios para que os espectadores se divirtam com os supostos “erros de português” e em outros o próprio dono do canal tece comentários sobre o que é apresentado. Além disso, os comentários postados nessas publicações expõem discursos preconceituosos do ponto de vista linguístico e social ao avaliarem positivamente o tom cômico com o qual o conteúdo é abordado. Levando em consideração o contexto apresentado as seguintes perguntas são feitas: como o preconceito linguístico é visto quando abordado de maneira cômica? De que maneira o ambiente virtual colabora para a propagação do preconceito linguístico por parte dos internautas?

Esta pesquisa tem o objetivo de analisar a ocorrência de preconceito linguístico em vídeos e comentários no *YouTube* com a temática “pessoas falando errado” e “piores erros de português” para fins humorísticos. Nesse sentido, tem-se como objetivos específicos: 1) identificar como a variação linguística é abordada em vídeos com tom humorístico na rede social *YouTube*; 2) investigar como o preconceito linguístico se manifesta nos comentários de vídeos com a temática “erros de

português” e 3) refletir sobre como o preconceito linguístico é exposto de forma velada sobre o pretexto do riso.

No campo da Sociolinguística, muitos estudos se dedicam à análise e explicação sobre o preconceito linguístico. Tendo em vista a importância que acompanha o tema dentro da referida área, justifica-se esta pesquisa a princípio pelo intuito de contribuir com tais estudos, mas com foco na sua ocorrência no ambiente virtual, e ainda evidenciar como o preconceito linguístico se manifesta de forma velada sob o pretexto do riso. Do ponto de vista pedagógico, leva-se em consideração que uma boa parte do público dos canais do presente estudo é composta por crianças e adolescentes em idade escolar, que estão sendo expostos a conteúdos repletos de discursos preconceituosos em relação à linguagem. Assim, pode-se abordar como esse preconceito está implícito em discursos como esses e o quanto são prejudiciais a expressão da língua.

As novas tecnologias de comunicação possibilitaram novas formas de interação e participação social, a conexão com a internet possibilita que os indivíduos compartilhem conhecimentos, opiniões e culturas com uma velocidade e alcance mais abrangente. Sendo assim no que tange ao contexto social, considerando o espaço dessas tecnologias na atualidade, este estudo contribui para um entendimento sobre como o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação afetaram a sociedade e continuam a influenciá-la, tendo como foco as atitudes em relação à língua. Cabe destacar ainda que este estudo visa contribuir socialmente, pois por meio dele é possível elucidar para a sociedade o que está implícito nos discursos humorísticos de algumas pessoas em relação à língua, a fim de que se passe a analisá-los de maneira mais crítica. É uma temática relevante visto que o espaço digital configura-se como um reflexo do que acontece no mundo real e afeta a sociedade tanto de maneira negativa como positiva. Além disso a língua tem como sua principal função permitir a comunicação entre os indivíduos de uma sociedade, ou seja, é por meio dela que os vínculos linguísticos e as relações sociais são constituídas.

Os dados foram coletados na rede social *YouTube* visto o enorme alcance que determinados conteúdos postados na plataforma atingem. Ademais, não foram encontrados muitos trabalhos dentro dessa temática com o foco nessa rede social específica, podendo ser destacada a pesquisa de Santos (2020), que discute o

preconceito linguístico presente nos vídeos referentes a série *Não Seja burro!* realizados pela humorista Marcela Tavares, veiculado na plataforma; bem como o trabalho de Vescovi e Grando (2020) no qual é discutido como as novas mídias sociais contribuem para a circulação do preconceito linguístico. Ainda cabe destacar que a presente pesquisa passa a integrar o *hall* de pesquisas sobre variação e atitudes vinculadas à UEPB, das quais se destacam: Tavares (2021), que investiga as atitudes linguísticas de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública de Sapé-PB com o objetivo de analisar as atitudes de docentes do quinto ano, e Sousa (2022), que analisa a manifestação de atitudes linguísticas de torcedores-internautas da rede *Twitter*, em relação aos palavrões e às palavras ofensivas em contexto futebolístico.

A metodologia da presente pesquisa é de natureza qualitativa, tendo caráter interpretativista com base em levantamento de dados na mídia digital. Para tanto é realizada a análise em vídeos exibidos nos resultados de pesquisa dos termos “reagindo a pessoas falando errado”, “pessoas falando errado” e “piores erros de português”. Os comentários analisados foram selecionados de acordo com o conteúdo apresentado em sua composição que se relacionam diretamente com o tema e com base na sua recorrência. Também foram considerados os comentários com maiores números de curtidas, pois se considera que são o mais bem recebidos pelos demais espectadores dos vídeos, sendo assim, avaliados positivamente, revelando uma rede de compartilhamento de interesses, valores, opiniões e atitudes.

Diante disso, é pertinente indicar que este trabalho se estrutura em capítulos. Após a introdução, seguem-se os capítulos 2 e 3, relacionados à teoria, cada um com uma subseção. No capítulo 2, traçam-se definições sobre a Sociolinguística e as vertentes nas quais essa área é estudada; neste capítulo também é abordado o que o campo da Sociolinguística estuda. Em seguida, no capítulo 3, adentra-se nas definições acerca das atitudes linguísticas e seus domínios; estão apresentados seus conceitos e teóricos relevantes, assim como as atitudes referentes as variações linguísticas existentes e como são manifestadas no cenário digital, a fim de discorrer sobre as atitudes mais recorrentes. No capítulo 4, é explicado o trajeto metodológico utilizado nesta pesquisa. Por conseguinte, no capítulo 5, são descritas as análises realizadas a respeito dos discursos presentes nos vídeos e nos seus respectivos comentários postados pelo público. As análises de cada um dos 3 vídeos selecionados

estão apresentadas separadamente, e cada uma está subdividida na seguinte ordem: primeiro é analisado o conteúdo apresentado no vídeo e as atitudes manifestadas no discurso do apresentador, no caso dos vídeos 1 e 3; em seguida as atitudes manifestadas nos comentários da audiência desses vídeos. Por fim, são apresentadas as considerações finais, seguido das referências que ancoram a pesquisa.

2 VERTENTES DA SOCIOLINGUÍSTICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A Sociolinguística é uma subárea da Linguística que surgiu no início do século XX e estuda a relação entre língua e sujeito considerando os aspectos sociais. Anteriormente, estudos se concentravam na estrutura da língua e a compreendiam como um sistema homogêneo independente dos fatores históricos e sociais, destacando-se o Estruturalismo de Ferdinand de Saussure, que analisa as relações entre os elementos linguísticos em uma perspectiva interna, ou seja, caráter formal e estrutural em torno do fenômeno linguístico; e o Gerativismo de Noam Chomsky, que enxerga a língua como um sistema de conhecimentos inatos com regras a serem cumpridas para a formação de sentenças existentes na língua, o indivíduo; assim, teria a competência de compreender e produzir a estrutura de qualquer sentença.

De acordo com Cezario e Votre (2015, p. 141), a sociolinguística “é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística.” Essa definição concorda com a afirmação de Labov, na qual ele declara que: “por vários anos, resisti ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social” (LABOV, 2008, p. 13). Considerando essa afirmação, não é possível estudar a língua sem considerar os fatores externos, isto é, a língua deve ser estudada levando-se em conta o contexto social.

Contudo, antes do surgimento oficial da sociolinguística já existiam estudos a respeito da língua que levavam em conta a relação entre língua e sociedade. Podendo ser citados, como precursores de uma ótica sociolinguística, autores como Meillet que afirmava que as variações que ocorrem na língua são causadas por fatores sociais, assim a língua deve ser analisada vínculo com a história da cultura e da sociedade; e Bakhtin que defendia que a língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal, portanto, o seu valor para o falante está no contexto de uso real. E, de acordo com Bortoni-Ricardo (2014):

Esses são pensadores que levavam em conta o contexto sociocultural e a comunidade de fala em suas pesquisas linguísticas, ou seja, não dissociavam o material da fala do produtor dessa fala, o falante - pelo contrário, consideravam relevante examinar as condições em que a fala era produzida (BORTONI-RICARDO, 2014, p.11).

Apesar disso, a sociolinguística se desenvolveu como uma corrente da linguística somente na década de 1960, o próprio termo sociolinguística, segundo exposto por Alkmim (2005), foi fixado em 1964 através do congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, no qual estavam presentes vários estudiosos, entre eles John Gumperz, Dell Hymes, Einar Haugen, e William Labov, o precursor da Teoria variacionista. De acordo com Bortoni-Ricardo (2014), a Sociolinguística possui ainda outras vertentes, sendo as mais conhecidas: a Sociolinguística Interacional, a Sociolinguística Educacional e a Etnografia da comunicação.

A língua não é um sistema fechado, tem variações e passa por mudanças. Em relação às variações, estas podem ocorrer entre diferentes línguas ou dentro de uma mesma. Nesse sentido, a Sociolinguística Variacionista busca estudar padrões de variação linguística na sociedade e compreender como as mudanças se dão nos sistemas linguísticos, buscando encontrar explicações ao analisar a linguagem em seu contexto social. Dessa forma, William Labov considerado o fundador dessa vertente, ao propor um estudo da língua, sempre vinculada ao contexto social, apresentou uma nova perspectiva, em discordância com as abordagens de Saussure e Chomsky. Conforme Hora (2021), Labov em seu trabalho intitulado “The Social Stratification of English in New York City” se constituiu como uma grande contribuição para os estudos linguísticos que levam em conta os aspectos sociais como condicionantes dos processos de variação.

De acordo com Labov (2008):

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (LABOV, 2008, p.21)

Conforme aponta Hora (2021), essa perspectiva sobre as variações que além da língua também considera a fala levou ao desenvolvimento de outras vertentes da sociolinguística, as quais estudam as variações e mudanças linguísticas. Segundo o autor, no que se refere ao contexto brasileiro, os estudos iniciados por William Labov se difundiram durante a década de 1970, a partir daí foi adotado o método estatístico para verificar a probabilidade da ocorrência de uma variante, que leva em conta os aspectos tanto estruturais como sociais e estilísticos. Ainda de acordo com Hora

(2021), esses estudos que utilizam o modelo teórico-metodológico denominado, entre outras formas, como Sociolinguística Variacionista têm apresentados resultados considerados produtivos, com isso outras vertentes vêm surgindo, entre elas: Sociolinguística Diatópica, a Sociolinguística Educacional, a Sociolinguística Histórica, a Sociofonética e a Sociolinguística Cognitiva etc.

Considerando que as abordagens Variacionista e Interacional dialogam com a temática do presente trabalho, é feito um aprofundamento nas ideias referentes a esses dois campos de estudos.

No que se refere à Sociolinguística Interacional, há uma distinção em relação à Sociolinguística Variacionista, que se dá pelos interesses centrais de cada pesquisa. Na abordagem Interacional o foco é o ponto de vista dos participantes da ação, isto é, esta abordagem estuda como os falantes agem no uso da linguagem, considerando os contextos e as condições. Bortoni-Ricardo (2014), ao retomar a distinção feita por Gumperz, afirma que a Sociolinguística Laboviana se apoia na ideia de que a realidade social se constitui pela interação humana, sendo então a estrutura não pré-determinadas, e se baseia em um “conjunto complexo de fatores materiais, experenciais e psicológicos” (BORTONI-RICARDO, p.147). Desse modo, o que fundamenta os papéis sociais é, portanto, a interação humana. Nessa perspectiva esses papéis são “considerados como um conjunto de prerrogativas e de deveres em um determinado domínio social.” (BORTONI-RICARDO, p.147).

Já no que diz respeito à Sociolinguística Variacionista, conforme indica Veloso (2014) a partir das proposições da linguista estadunidense Penélope Eckert, esta vertente tem seus estudos baseados em três ondas.

A respeito da primeira onda, Veloso (2014) destaca que esta foi fundamental para o desenvolvimento dos estudos de abordagem variacionista e teve origem a partir do estudo realizado por Labov na cidade de New York, no qual o autor investigou a estratificação social do /r/ em posição pós vocálica, identificando e comprovando a correlação do uso das variáveis às categorias sociais, como classe socioeconômica, sexo, idade etc.

A segunda onda diz respeito aos estudos que se referem as pesquisas de cunho etnográfico, cujo foco são as variáveis linguísticas que se realizam em comunidades menores, aquelas que tem valor relacionado a dinâmica local. Conforme aponta Veloso (2014), essa abordagem não encontrou tanta adesão quanto as demais no que se

refere as pesquisas sociolinguísticas brasileiras sendo sua principal referência o estudo de Labov (1963) na ilha de Martha's Vineyard, que observou um tipo de variação fonológica que foi recrutado pelos falantes da ilha como uma atitude social em relação à sua forma de falar.

A terceira onda, segundo Veloso (2014), refere-se aos estudos que procuram entender as variações de acordo com os papéis e atividades do indivíduo na sociedade, em meio as comunidades de prática. As pesquisas analisam o estilo “como um fator que contribui efetivamente para a construção do significado social da variação.” (VELOSO, 2014, p. 2).

2.1 Outras considerações: o preconceito linguístico na imprensa e na mídia

A língua é considerada um sistema vivo, pois está em constantes processos para a mudança. Assim, fenômenos linguísticos surgem com o passar do tempo, novos jeitos de falar são incorporados ao dia a dia das pessoas, gírias novas estão sempre aparecendo, seja de acordo com a idade ou um nicho de interesse, todas essas mudanças sempre ocorrem de forma a atender às necessidades da comunicação. Conforme afirma Bagno (2009), são os falantes que mudam a língua e assim o fazem para que esta se adeque às suas exigências de comunicação e interação.

Consoante Fiorin (2000, p. 27), “a variação e a mudança são inerentes às línguas do mundo. Uma característica de todas as línguas do mundo é que elas não são unas, não são uniformes”. Desse modo, a língua está sempre em movimento e essa característica volátil favorece a existência das mais diversas variações. Entretanto, a sociedade não reconhece as variedades linguísticas que estão presentes na língua, a ideia de que existe o falar errado e o falar certo está enraizada na mente de muitas pessoas, incluindo-se não só aquelas que não tem formação na área, como também estudiosos da língua.

Essa concepção se dá pelo fato de que, por muito tempo, o ensino da língua focou em ensinar a gramática, valorizando a norma padrão e deixando de lado as variações naturais que ocorrem nos diferentes ambientes de uso da linguagem. Aquilo que se desvia da norma padrão é então considerado errado porque as

peessoas tendem a confundir a língua com a gramática normativa como se não houvesse nenhuma distinção entre tais conceitos. Segundo Scherre (2005, p. 42):

Mais do que ensinar de forma rígida a gramática normativa, confunde-se gramática normativa com língua. Esquece-se que uma gramática normativa é normalmente a codificação de uma norma padrão escrita com base em textos de escritores consagrados, acompanhada do registro de alguns aspectos linguísticos das variedades de prestígio – as variedades associadas à fala da elite dominante, que gozam de aceitação social.

A noção de erro se baseia na concepção de que a língua é homogênea, é algo pronto, um sistema de regras fechado que é imutável. Conforme Antunes (2007), a língua não deve ser resumida ao que é “certo” e “errado”, ou apenas a uma classificação sobre a qual classe as palavras pertencem e como devem ser utilizadas para a formação de frases de acordo com as regras. Segundo essa autora, a língua não se limita a isso, pois “é parte de nós mesmos, de nossa identidade cultural, histórica e social. É por meio dela que socializamos, que interagimos, que desenvolvemos nosso sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade” (ANTUNES, 2007, p. 22).

Essa resistência às variações linguísticas favorece o surgimento do fenômeno denominado **preconceito linguístico**, que é o julgamento discriminatório contra o falar diferente. Grande parte das pessoas que exerce esse tipo de preconceito acredita que aqueles que não atendem à norma padrão em sua fala ou escrita são pessoas ignorantes, que não têm capacidade de se comunicar de forma eficiente e destroem a língua. Assim, quem comete um desvio da norma padrão seja em relação à concordância nominal e/ou verbal, pontuação, ortografia ou mesmo gírias características de seu grupo social ou região, entre outros, é ignorante, não tem capacidade de realizar determinadas atividades pelo simples fato de falar diferente, ainda que tal atividade não tenha relação com prescrições linguísticas, ou até não tem condições de conviver em sociedade. Essas pessoas desconsideram as particularidades que cada indivíduo e colocam todos na categoria de “ignorante”. Assim, do ponto de vista psicológico sobre o preconceito, de acordo com Crochik (2011, p. 12)

A experiência individual, o contato com o particular, são obstados pelo preconceito. As relações pessoais dos preconceituosos ocorrem por meio de categorias que permitem classificar os indivíduos, o que impede que a experiência individual possa se contrapor ao estereótipo.

Ainda, conforme indica Barros (2011, p. 256, grifos da autora), a respeito do discurso intolerante:

[...] esse discurso é, sobretudo, um discurso de sanção aos sujeitos considerados maus cumpridores de certos contratos sociais: *de branqueamento da sociedade, de pureza da língua, de heterossexualidade* e outros.

Nesse sentido, o preconceito linguístico vê os desvios da norma padrão como uma agressão à língua. Esses discursos alegam que a língua bem falada é aquela que está conforme a norma padrão e que desvios que venham a ocorrer devem ser evitados e/ou corrigidos para preservar a integridade da língua. Conforme declara Barros (2011, p. 256), “a intolerância dos discursos encontra, sempre, justificativas”. São comuns proferimentos que afirmam estar havendo um “assassinato” à língua por causa de um suposto erro na fala ou escrita das palavras.

Nessa perspectiva, a língua é utilizada como instrumento para discriminação social e, geralmente, são as pessoas de menor poder aquisitivo e menor nível de educação formal que são alvo do preconceito linguístico. É como se aqueles que usam das variedades prestigiadas, pertencentes às classes favorecidas dominantes, fossem superiores de alguma forma. Contudo, de acordo com Bagno (2009), o verdadeiro problema é que o uso social que aqueles que têm esse conhecimento supostamente superior fazem é perverso, pois utiliza a língua como instrumento para a humilhação e exclusão social. O autor complementa essa afirmação:

E tudo isso e ainda mais pernicioso porque a língua é parte constitutiva da identidade individual e social de cada ser humano – em boa medida. *nós somos a língua que falamos*, e acusar alguém de não saber falar a sua própria língua materna é tão absurdo quanto acusar essa pessoa de não saber “usar” corretamente a visão (isto é, afirmar o absurdo de que alguém é capaz de enxergar, mas não de ver) ou o olfato (isto é, afirmar o absurdo de que alguém é capaz de sentir o cheiro, mas não de aspirá-lo) (BAGNO 2003, p. 16, grifo do autor).

Entretanto, não é somente a escola ao utilizar do ensino tradicional para a ensinar gramática normativa ou de livros didáticos com abordagem antiquada que ajuda a perpetuar a presença do preconceito linguístico na sociedade.

A imprensa e a mídia no geral também exercem papel fundamental nessa questão, pois têm o poder de influenciar opiniões e comportamentos dos indivíduos e, dessa forma, estabelecer normas sociais. Nessa perspectiva, a influência dos

meios de comunicação contribui na valorização das variedades privilegiadas sobre as variedades estigmatizadas.

A respeito desse tema, Bagno desenvolve o conceito de “círculo vicioso do preconceito linguístico” que se constitui de elementos que ajudam na persistência do preconceito linguístico na sociedade, sendo eles o ensino tradicional, a gramática tradicional, os livros didáticos com concepções arcaicas da língua, unidos aos chamados “comandos paragramaticais” que são definidos pelo autor como

É todo esse arsenal de livros, manuais de redação de empresas jornalísticas, programas de rádio e de televisão, colunas de jornal e de revista, CD-ROMS, “consultórios gramaticais” [pg. 76] por telefone e por aí afora... (BAGNO 2007, p. 77)

Esses comandos paragramaticais, segundo o autor, em vez de se fazerem úteis para de fato ajudar pessoas que tivessem alguma dúvida em relação a como escrever ou falar algo, acabam por reproduzir preconceito. O autor deixa explícito o seu descontentamento em relação a essa realidade ao afirmar que:

É uma pena que seja assim. Todo esse formidável poder de influência dos meios de comunicação e dos recursos da informática poderia ser de grande utilidade se fosse usado precisamente na direção oposta: na destruição dos velhos mitos, na elevação da autoestima linguística dos brasileiros, na divulgação do que há de realmente fascinante no estudo da língua. Mas não é assim. Toda vez que alguém se põe a falar da situação linguística do Brasil, é para repetir as mesmas queixas e lamúrias de cem anos atrás ou mais. (BAGNO 2007, p. 77)

Fiorin (2000) concorda ao enfatizar que a mídia por meio de seu poder de influência torna-se uma forte fonte na disseminação do preconceito linguístico para além do ambiente escolar, ao recorrer aos ditos especialistas em língua para darem orientações gramaticais com suposta credibilidade.

Apesar dessa defesa de uma língua que supostamente é a correta, que é baseada na gramática normativa, os próprios profissionais que fazem parte da mídia não a utilizam a todo o momento e recorrem a uma linguagem que não atende integralmente à norma padrão, mesmo aqueles que trabalham em ambientes mais formais, como por exemplo jornais, telejornais e programas com assuntos considerados mais intelectuais.

Ainda, acerca desse tema, é pertinente destacar o exemplo mencionado por Possenti (2009) ao apontar a incoerência apresentada pelo jornalista Reinaldo Azevedo em um artigo publicado na revista *Veja* em 1988, no qual, segundo o autor,

Azevedo deixa claro que considera o uso correto de regência verbal como prova de civilização, nessa perspectiva as regências permitidas pela gramática normativa deveriam ser defendidas contra as populares, isto é, somente deve-se preocupar com a regência de verbos que diferenciam as pessoas bem-educadas das ignorantes. Entretanto, como aponta Possenti, através de outros exemplos, o próprio Azevedo “escorrega” no português (considerando a perspectiva normativa da língua) ao utilizar em sua escrita formas que não atendem aos critérios das regras que defende.

Nesse sentido, é possível constatar, sem a necessidade de uma análise mais atenta, que profissionais que trabalham nos meios de comunicação como jornalistas, apresentadores de TV, influenciadores digitais, escritores, entre outros conservadores que compõem essas classes, que tanto defendem a língua portuguesa na perspectiva normativa, não seguem à risca a norma padrão e fazem uso de formas alternativas para se comunicar.

Considerando o enfoque da análise deste trabalho, faz-se necessário enfatizar o contexto dos produtores de conteúdo digital. Em uma pesquisa rápida no *Google* é possível encontrar uma grande quantidade de conteúdos voltados para o ensino de língua portuguesa, desde canais no *YouTube*, páginas no *Instagram* a perfis no *TikTok*, entre outros. Sendo a maior parte desse conteúdo produzido por professores, que dão dicas de Língua Portuguesa, em alguns casos voltadas especificamente para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) ou concursos públicos, mas também para quem precisa desse conhecimento por outros motivos.

Alguns desses profissionais produzem material baseados em conhecimentos dos quais têm domínio, e ainda que com abordagens equivocadas, são voltados para o ensino, entretanto, há também aqueles que apenas transmitem conceitos aprendidos de forma rasa, talvez na escola, ou através da leitura de gramáticas feitas sem maiores reflexões. Essas pessoas “podem” utilizar do espaço de influência que possuem para espalhar preconceitos, com o propósito do entretenimento sem dimensão dos equívocos e/ou proporcionalidade de tal ação.

Sobre esse tema é pertinente destacar o estudo feito por Santos (2020) que analisa o preconceito linguístico presente no discurso presente na série *Não seja burro!* O qual tem como personagem uma fictícia professora de língua portuguesa vivida pela comediante Marcela Tavares. Com os objetivos de analisar como a

comediante trata a noção de erro linguístico e quais são os argumentos e justificativas usados por ela para legitimar as correções em sua “aula de português”, a análise é feita tendo em vista o intenso uso de mídias sociais como propagador de diferentes ideologias principalmente preconceituosas de maneira viral. O estudo chega à conclusão de que o purismo presente no discurso de Marcela Tavares é o mesmo tipo que é reproduzido no ambiente escolar, discurso esse que rotula os alunos de incapazes e fracassados, também foi identificado que a humorista tem seu discurso baseado em senso comum a respeito da língua e demonstra ter um profundo preconceito contra as variações linguísticas que se desvirtuam da norma padrão

3 ANCORANDO ATITUDES E CRENÇAS LINGUÍSTICAS

A variação linguística é um fenômeno que se manifesta em todas as línguas naturais, condicionada por diversos fatores que influenciam na maneira de cada falante se expressar. Essa diferença no falar acaba, às vezes, gerando um “estranhamento” que pode se converter em avaliações e julgamentos que podem ser positivos ou negativos, sendo o último originador do preconceito linguístico, por exemplo. Os estudos sobre variação e mudança linguística buscam entender como a língua se organiza nas comunidades linguísticas e como essas diferenças linguísticas são percebidas pelos falantes.

Na Sociolinguística, a área de estudo sobre atitudes e crenças linguísticas vem ganhando cada vez mais espaço, e busca compreender a percepção da língua nas comunidades linguísticas, mas, para além da sociolinguística, outras áreas de conhecimento também se preocupam em estudar esses fenômenos, como a Psicologia Social, a Filosofia, a Sociologia da Linguagem e a Análise do Discurso.

Os estudos sobre o fenômeno das atitudes e crenças originaram-se na Psicologia social. Para Lambert e Lambert (1966, p.77), “o estudo das atitudes tornou-se uma preocupação importante dos psicólogos sociais, no decorrer dos anos, pois se trata de um complexo fenômeno psicológico que se reveste de um tremendo significado social”. Tendo isso em vista, cabe destacar que as atitudes afetam a percepção que o indivíduo tem do outro, sendo assim são uma forma de reação diante de pessoas, grupos sociais, portanto seus estudos tornam-se importantes.

Segundo Rodrigues, Assmar e Jablonsk (2009):

Atitudes são sentimentos pró ou contra pessoas e coisas com quem entramos em contato [...] Atitudes se formam durante nosso processo de socialização. Elas decorrem de processos comuns de aprendizagem (reforço, modelagem); podem surgir em atendimento a certas funções; são consequências de características individuais de personalidade ou de determinantes sociais; e ainda podem se formar em consequência de processos cognitivos. (RODRIGUES, ASSMAR E JABLONSK, 2009, p. 81)

Nesse sentido, tudo aquilo que se distancia do que é comum e rotineiro tende a causar estranheza e até incômodo, as atitudes são respostas a esses sentimentos. O indivíduo ao entrar em contato com o que não lhe é familiar se dispõe a avaliar e fazer julgamentos baseando-se em sua experiência e informações a respeito de uma pessoa, acontecimento ou circunstâncias obtidas no seu contexto social, assim,

desenvolve crenças que podem se converter em atitudes negativas ou positivas bem como comportamentos. De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (1999, p.137)

A partir da percepção do meio social e dos outros, o indivíduo vai organizando estas informações, relacionando-as com afetos (positivos ou negativos) e desenvolvendo uma predisposição para agir (favorável ou desfavoravelmente) em relação às pessoas e aos objetos presentes no meio social (BOCK, FURTADO E TEIXEIRA, 1999, p.137)

Lambert e Lambert (1966) concordam ao afirmar que a atitude é uma maneira do indivíduo sentir e reagir as pessoas e questões que ocorrem no meio social que o cerca. Ainda segundo esses autores, “seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir” (LAMBERT; LAMBERT 1976, p. 78 *apud* BOTASSINI 2015, p. 110). E, ainda na perspectiva da Psicologia Social, segundo Morris e Maisto (2005):

Uma atitude é uma organização relativamente estável de crenças avaliativas, sentimentos e tendências de comportamento em relação ao objeto. Crenças incluem fatos, opiniões e nosso conhecimento geral sobre o objeto. Os sentimentos envolvem o amor, ódio, gosto, antipatia e sentimentos semelhantes. Tendências de comportamento referem-se às nossas inclinações para agir de certas maneiras em relação ao objeto, para nos aproximarmos dele, evitá-lo, etc.(MORRIS e MAISTRO, 2005, p. 421, tradução minha)²

No que diz respeito à Sociolinguística, o estudo das crenças e atitudes tem como propósito entender as percepções dos falantes quanto aos usos linguísticos, principalmente no que se refere às variações e mudanças linguísticas, ou seja, como estes avaliam seus próprios comportamentos linguísticos e dos demais falantes, bem como apontar qual a influência que esses fenômenos detêm sobre seus comportamentos.

Conforme aponta Hora (2011, p. 15), “essas avaliações fazem parte do que chamamos de reações subjetivas que são inerentes ao ser humano, tanto no papel de falante quanto no papel de ouvinte.” Os julgamentos podem dizer respeito à maneira de se vestir, ao andar, ao falar, ao tom, à entoação e ao ritmo da voz, assim, atravessando aspectos linguísticos e fisiológicos da fala.

² Una actitud es una organización relativamente estable de creencias evaluativas, sentimientos y tendencias de conducta hacia el objeto. Las creencias incluyen hechos, opiniones y nuestro conocimiento general acerca del objeto. Los sentimientos abarcan amor, odio, agrado, desagrado y sentimientos similares. Las tendencias de conducta se refieren a nuestras inclinaciones para actuar de ciertas maneras hacia el objeto, aproximarnos a él, evitarlo, etcétera.

Nesse sentido as atitudes fazem parte da identidade do falante, pois são aprendidas no processo de socialização, e dizem respeito sobretudo ao grupo a que estão inseridos, como se diferem e se relacionam com os demais. A troca linguística dentro da comunidade de fala determina como o indivíduo se define como pessoa e como assume um lugar na sociedade. De acordo com Corbari (2013, p.65), “as atitudes linguísticas representam, assim, um componente fundamental da identidade linguística do falante e oferecem uma chave de leitura e compreensão do próprio comportamento linguístico.”

Nessa perspectiva, segundo Silva e Aguilera (2014, p.705), “todo sujeito necessita, pois, dominar uma língua a fim de se integrar ativamente ao sistema social e, assim, constituir a sua identidade”.

Tendo em vista essa concepção da língua como parte do reconhecimento do indivíduo, enquanto pertencente à sociedade, é necessário salientar que isso pode acabar por suscitar julgamentos sobre as variedades linguísticas, os demais indivíduos de outras comunidades de falas e grupos sociais. Para Aguilera (2008), ao assumir uma atitude linguística, o falante assume uma identidade, que o diferencia dos demais falantes de outros grupos sociais. E, quando em contato com um usuário de um grupo que não é o seu, tem uma percepção subjetiva ao comparar suas características da fala com as características de sua própria comunidade, identificando, assim, como diferente.

Essa diferenciação identitária tende a originar um preconceito quanto ao modo de falar diferente de outras comunidades, isto é, criam-se os prestígios e estigmas linguísticos. Sobre isso, Alkmim (2001) afirma que:

Na realidade objetiva da vida social há sempre uma ordenação valorativa das variedades linguísticas em uso, que reflete a hierarquia dos grupos sociais. Isto é em todas as comunidades existem variedades que são consideradas superiores e outras inferiores (ALKMIM, 2001, p.37)

Nesse sentido, conforme a autora ressalta, o valor de uma variedade linguística equivale ao valor social de seus falantes. Isso explica a existência de variedades de prestígio e de variedades estigmatizadas.

Cardoso (2014) concorda ao apontar que:

O falante emite um julgamento sobre as variedades linguísticas, e associa a elas diferentes valores, hierarquizando-as: um modo de falar é visto como “desagradável” é “feio”, um outro como “cantado” e “lento”, e outro, enfim

como “importante” Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros e “conhecido”, símbolo de signo de cultura. Linguisticamente falando, algumas pessoas têm uma atitude mais normativa, mais purista e outras, uma atitude mais tolerante. Estes julgamentos, mesmo aqueles que se apoiam sob argumentos estéticos (clareza, musicalidade, elegância de falar), são julgamentos sociais. (CARDOSO, 2014, p. 09)

Sobre esse ponto, Corbari (2013) compartilha dessa ideia ao declarar que a estima por uma variedade linguística está associada a uma convenção social que já vem de muito tempo e sendo assim os atributos sociais de seus falantes são consequentemente provocadores das emoções conferidas a essas variedades.

Alkimim (2001) explica que não existem línguas ou variedades inferiores, pois nenhuma língua é homogênea e todas sofrem mudanças ao longo de sua história. Para a autora, as atitudes em relação a língua estão, antes de tudo, ligadas a fatores extralinguísticos, portanto, são julgamentos de natureza política e social.

Conforme explica Guy (2000)

[...] os membros de uma comunidade compartilham normas e atitudes em comum sobre o uso da língua: o que é apropriado para contextos formais e o que é apropriado para os informais, que taxa de uso de uma variável sociolinguística é apropriado para que grupo social etc. (GUY, 2000, p.21)

Levando isso em consideração cabe aqui destacar que as atitudes podem tornar-se excludentes, pois, a depender do emprego ou não das formas utilizadas pelos participantes de um contexto de comunicação, o falante pode ser penalizado e por consequência corrigido. Alkmim (2001) concorda com essa ideia ao afirmar que:

Cada grupo social estabelece um contínuo de situações cujos polos extremos e opostos são representados pela formalidade e informalidade. [...] As variedades linguísticas utilizadas pelos participantes das situações devem corresponder às expectativas sociais convencionais: o falante que não atender às convenções pode receber algum tipo de “punição”, representada, por exemplo, por um franzir de sobrelhas. (ALKMIM, 2001, p. 37).

Balthazar (2016) destaca que as atitudes linguísticas quando negativas trazem consequências prejudiciais aos falantes de variedades estigmatizadas, normalmente aqueles que têm baixo poder econômico, pois dificulta ou impede a sua ascensão social, melhora econômica e entrada em lugares com maiores oportunidades.

Kaufman (2011) sustenta que não faz sentido correlacionar atitudes gerais com um comportamento em particular. O autor exemplifica o caso de um indivíduo que tenciona aprender um idioma (no caso específico do exemplo: o inglês estadunidense) mesmo não gostando de seus falantes nativos (as pessoas dos Estados Unidos).

Outro exemplo utilizado diz respeito ao preconceito racial. O autor explica que pessoas preconceituosas que não gostam de pessoas pretas, são capazes de ignorar esse sentimento se for em benefício próprio, como no caso de empresários que apesar de racistas contratam pessoas pretas, pois terão consequências positivas, sendo assim sua atitude quanto a contratação de negros será positiva, dessa forma seu preconceito não se tornará um obstáculo.

Segundo indica Botassini (2015), de acordo com muitos estudiosos, a exemplo de Lambert e Lambert (1972), Moreno Fernández (1998) e López Morales (2004), as atitudes são constituídas por três componentes: o cognitivo, que diz respeito as crenças, a percepção que o indivíduo tem acerca de um objeto social; o afetivo, que diz respeito as atribuições de valor, as emoções, são os juízos de valor; e o comportamental que se refere à reação ou tendência a um comportamento ante a um objeto social.

Nessa perspectiva, apesar de um indivíduo apresentar determinada atitude negativa quanto a uma variedade que não segue a norma padrão, em algum contexto ele também não atenderá a essas normas. No ambiente virtual, por exemplo, os usuários das redes sociais e aplicativos de comunicação sentem-se à vontade em escrever na linguagem coloquial, sendo comum a utilização de gírias e abreviações, assim até aqueles que condenam as variedades que não estão de acordo com a norma padrão fazem a adaptação da linguagem utilizada segundo o cenário de uso. Cabe destacar também que até mesmo os falantes das variedades estigmatizadas têm a concepção de que as variedades de prestígio são aquelas que podem ser consideradas corretas e apesar de avaliar dessa forma, continuam a falar de acordo com a variação correspondente a sua comunidade de fala.

Considerando as reflexões apresentadas acerca do tema atitudes e crenças linguísticas, é pertinente afirmar que tanto a reação do público dos produtores de conteúdo humorísticos que utilizam do preconceito linguístico como recurso para fazer graça, quanto a atuação desses próprios produtores, são manifestações de suas respectivas atitudes ante a língua, atitudes essas fruto de crenças adquiridas por meio da influência exercida pelo ambiente escolar, pela mídia e pela sociedade no geral. Levando isso em consideração, é possível dizer que a prosperidade desse tipo de humor depende essencialmente de que as atitudes do público em relação às variedades que destoam da norma culta e padrão sejam negativas.

3.1 O humor como efeito de uma atitude discriminatória

Muitas são as causas que provocam o riso, da mesma forma muitos são os elementos e recursos que geram o humor. Conforme aponta Coelho (2017) para ser feita a definição do termo humor é necessário considerar sua relação com o riso e o cômico, ainda segundo o autor esse conceito “mantem relações peculiares com diversos assuntos de ordem linguística, culturais, sociais, históricos, desvelados por interações cognitivas e interacionais” (2017, p. 111).

Há muito tempo o humor vem sendo observado e analisado, o que deu origem a diversas teorias acerca do tema, podendo serem citados como exemplos os teóricos Aristóteles, Hobbes, Bergson, Freud, Possenti, entre outros. A presente pesquisa utiliza como base teórica os estudos que se relacionam de alguma forma com a manifestação de preconceitos através do humor.

Santos (2012) aponta Aristóteles como um nome importante nos estudos do assunto, pois na Antiguidade Clássica, cerca de 300 ac, esse teórico já se preocupava em estabelecer as semelhanças e diferenças entre tragédia e comédia. Conforme indica Santos (2012) na visão de Aristóteles “a tragédia representa os homens melhores do que são, enquanto a comédia são mostrados piores do que são” (2012, p. 19). Ainda segundo o teórico a comédia é “a imitação da ação de homens inferiores” (apud SANTOS, 2012, p.19).

Destaca-se também o trabalho de Thomas Hobbes, que conforme aponta Santos (2012), julgava que o riso é um sinal de desprezo que indica a “falta de autoestima por parte daquele que ri da fala do outro” bem como é uma expressão de ódio, e os estudos de Baudelaire (1998) que afirmava que a motivação do riso vem de quem ri e não do objeto do riso, assim esse autor estabeleceu uma distinção de dois termos: o cômico absoluto e o cômico ordinário. Sendo o primeiro mais natural e intuitivo e o segundo mais criativo e claro. De acordo com Santos (2012) a causa do humor significativo está na aparente confirmação da superioridade do ser humano sobre a natureza.

Para Bergson (1889, 1896, 1907) o riso realiza-se a partir daquilo que é humano, assim não importa se uma paisagem, um objeto ou um animal tenha uma aparência ou um comportamento ridículo, isso não será causador do riso, pois algo se torna risível se lhe for atribuído alguma atitude ou ação humana. De acordo com o autor “Se algum outro animal ou qualquer objeto inanimado chegam a tanto e por semelhança

com o homem, pela marca que o homem neles imprime ou pelo uso deles que o homem faz” (BERGSON, 2018, p.38). Bergson enfatiza ainda que a vida em sociedade exige que os indivíduos se adaptem, portanto quando este não segue aquilo que lhe é imposto, isto é, não consegue se adaptar como o esperado e apresenta imperfeições, recebe alguma correção. Segundo o autor:

[...] se traçarmos um círculo ao redor das ações e disposições que comprometem a vida individual ou social e que se corrigem a si mesmas por suas consequências naturais, resta, para além desse terreno de emoção e de luta, em uma zona neutra na qual o homem se dá simplesmente em espetáculo ao homem, uma certa rigidez do corpo, do espírito e do caráter, que a sociedade gostaria ainda de eliminar para obter de seus membros a maior elasticidade e a mais alta sociabilidades possíveis. Essa rigidez é o cômico e o riso é sua correção. (BERGSON, 2018, p.45)

Ainda a respeito dos estudos de Berson sobre o riso, de acordo com Miriam Goldefeder (1981):

O riso poderia também atuar, no plano social, como função de controle, levando a cabo pelo temor ao ridículo dos sentimentos que comandam o agir humano; ele seria, assim, utilizado como técnica de controle, para mostrar a aprovação e a desaprovação, desenvolver atitudes comuns etc. (GOLDEFEDER, 1993 *apud* SANTOS, 2012, p.24)

Nessa perspectiva, o riso dá-se pela observação de um defeito em um indivíduo e uma conseqüente punição, portanto se este não se molda conforme o esperado poderá vivenciar alguma situação ou ser alvo de alguma atitude que lhe cause humilhação. Conforme afirma Bergson (2018, p.96) “Tal deve ser a função do riso. Sempre um pouco humilhante para aquele que é seu objeto, o riso é na verdade uma espécie de trote social.” Ainda segundo o autor os defeitos fazem as pessoas rirem do outro “mais em razão de sua *insociabilidade* do que de sua *imoralidade*” (BERGSON, 2018, p. 98, grifos do autor).

No tocante a perspectiva do humor e do riso como uma forma de afirmação de superioridade do indivíduo sobre o outro, de acordo com Freud (1996) a atitude humorística faz com que o humorista se entenda como superior e aja como se fosse um pai e os demais fossem crianças (FREUD, 1996, p. 169, *apud* SANTOS, 2012, p. 30)

Propp (1992) discorda dos estudos de Bergson ao afirmar que “diferentes aspectos da comicidade levam a diferentes tipos de riso” assim ele considera um erro dizer que o riso ocorre sempre que há uma causa para tal, pois podem existir pessoas que não riam da mesma coisa que as outras ou que não riam, dessa forma “o nex

entre o objeto cômico e a pessoa que ri não é obrigatório nem natural. Lá, onde um ri, outro não ri” (PROPP, 1992, p. 33).

Ainda conforme Propp (1992, p.31), “o riso ocorre em presença de duas grandezas: de um objeto ridículo e de um sujeito que ri – ou seja, do homem”, dessa forma para ele o riso se dá como uma forma de constatação de superioridade do indivíduo sobre o outro, porém essa constatação não se dá de maneira pessoal e sim advém de um processo coletivo. Nessa perspectiva a causa do riso pode originar-se de condições que dizem respeito a ordem histórica, social, nacional e pessoal.

Levando isso em consideração e o tema abordado no presente trabalho, é pertinente afirmar que o efeito humorístico utilizado para manifestar determinados tipos de preconceito, sustenta-se em como a sociedade enxerga certos desvios do padrão, por exemplo o preconceito linguístico manifestado sobre as variações da língua portuguesa que se distanciam da norma padrão, o qual decorre historicamente do ensino que valorizava a gramática normativa e considerava a língua dissociada de seu contexto, bem como o tratamento dessas variações na mídia.

Muitos trabalhos humorísticos preocupam-se em denunciar problemas sociais, em refletir acerca de acontecimentos que impactam diretamente na vida das pessoas em sociedade, porém existem aqueles que têm como alvo grupos sociais historicamente e marginalizados e são feitos pelo propósito do riso pelo riso, dessa forma é possível constatar que ao contrário do que muitas pessoas podem afirmar, principalmente os próprios humoristas, o humor nem sempre é crítico. Segundo Possenti (1998), o humor se caracteriza pelo fato de que por meio dele é possível dizer alguma coisa mais ou menos proibida, mas não necessariamente crítica. Dessa forma para o autor:

O humor pode ser extremamente reacionário, quando é uma forma de manifestação de um discurso veiculador de preconceitos, caso em que acaba sendo contrário a costume que são, de alguma forma, bons ou, pelo menos, razoáveis, civilizados [...] (POSSENTI, 1998, p.49)

Ainda, de acordo com Possenti (2014), existem piadas que resultam da construção de identidade sobre o outro, e essas identidades são representadas por meio de estereótipos. Para o autor “o estereótipo deve ser concebido como social, imaginário e construído, e se caracteriza por ser uma redução (com frequência negativa), eventualmente um simulacro.” (POSSENTI, 2014, p. 40) Assim no que diz

respeito às variações linguísticas, as piadas ou falas que ironizam os desvios da norma culta, tendem a apontar o seu alvo como inferior de alguma forma, seja como menos inteligente, ignorante, entre outras coisas. Segundo o autor:

Piadas e anedotas são uma forma extremamente rica de abordagem da questão da identidade -- estereotipada vale repetir. A razão é que esses tipos de textos sempre retomam discursos profundamente arraigados e cujos temas são sempre cruciais para uma sociedade. (POSSENTI, 2014, p. 40)

Por fim, sobre análise em contexto midiático e o acionamento de sentido humorístico, é possível mencionar o estudo de Santos (2019) no qual a autora investiga como o preconceito linguístico está presente no ambiente virtual, através da análise de comentários presentes em postagens do Facebook da página intitulada "Português da depressão" que trata desvios gramaticais e ortográficos em tom humorístico. A análise é realizada por meio da abordagem de conceitos pertencentes a área da sociolinguística. Através da pesquisa é possível perceber que muitas pessoas querem impor o uso da norma padrão a todo momento, por acreditarem na ideia de que existe uma única forma de falar e escrever bem e por desconsiderarem que existem diversos fatores que interferem nas variações linguísticas. A autora aponta que a forma de escrever de determinados usuários vira motivo de chacota para outros, que se utilizam de meios que levam ao riso para ridicularizar essas pessoas. Santos ainda destaca que esses tais usuários se utilizam de ironia, sarcasmo e humor para rir dos autores das publicações.

4 METODOLOGIA APLICADA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa caráter interpretativista e apoia-se nos estudos e conceitos formulados na área Sociolinguística, especialmente a variacionista de terceira onda, bem como sobre as pesquisas a respeito da relação dos discursos preconceituosos atravessados pelo humor. Conforme aponta Oliveira (2008), pesquisa qualitativa se caracteriza como:

[...] um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação (OLIVEIRA, 2016, p. 37).

Conforme aponta Minayo (2004 *apud* NEVES; DOMINGUES, 2007), na pesquisa qualitativa há a preocupação com uma parte da realidade que não pode ser quantificado, isto é, dados que não podem ser analisados segundo variáveis representadas por números. Para Neves e Domingues (2007):

Ela mergulha fundo no significado próprio das ações e relações humanas, que nem sempre, pelo menos até os dias de hoje, podem ser transformadas em equações matemáticas e apresentadas em tabelas estatísticas (NEVES; DOMINGUES, 2007, p. 19).

Desse modo o foco são as próprias ações e o que estas significam para o resultado, que vai além do que é possível quantificar. Assim, são investigados os aspectos mais subjetivos do objeto de estudo, e portanto a análise dos dados pode ser realizada com mais profundidade.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2008), a pesquisa qualitativa procura entender e interpretar fenômenos sociais considerando o contexto em que estes ocorrem. Dessa forma, a interpretação se dá em comprometimento com a compreensão que os sujeitos têm de suas ações na vida social e com os significados que atribuem a essas ações, isso sob uma ótica sociolinguística.

No presente trabalho, busca-se investigar a manifestação de preconceito linguístico em vídeos de conteúdo humorístico e comentários postados na plataforma *YouTube*, tendo em vista que o site fornece um espaço para interação entre seus usuários, bem como para expressão de seus respectivos pontos de vista acerca de variados assuntos.

4.1 O *locus* da pesquisa

A Internet e as ferramentas de comunicação digitais fornecem extenso material para análises referentes à língua, pois se firmaram ao longo das duas últimas décadas como parte integrante na vida cotidiana das pessoas, especialmente no que diz respeito a interações sociais. Desse modo, considera-se que representam um ambiente favorável ao desenvolvimento de pesquisas nessa área. E, segundo Castilho (2019)

percebe-se a forte tendência dos usuários em utilizarem as mídias sociais como forma de expressar livremente suas ideias e de se aproximarem ativamente de questões globais de âmbitos políticos, econômicos, culturais, sociais e ambientais (CASTILHO, 2019, p.)

Dessa forma as mídias sociais proporcionam aos seus usuários um espaço de liberdade no qual podem expressar suas opiniões de maneira mais aberta, inclusive favorece a manifestação de preconceitos sem o mesmo medo de julgamentos que a vida offline oferece.

Nessa perspectiva, para realizar a coleta de dados utilizados na análise, foi escolhida a plataforma de vídeos *Youtube*, devido ao grande alcance de audiência que determinados vídeos postados no site atingem e a possibilidade de interação de seus usuários tanto com os criadores de conteúdo quanto com os demais sujeitos que compõem o seu público.

No que diz respeito às redes, De acordo com Recuero (2009):

[...] a abordagem de rede fornece ferramentas únicas para o estudo dos aspectos sociais do ciberespaço: permite estudar, por exemplo, a criação das estruturas sociais; suas dinâmicas, tais como a criação de capital social e sua manutenção, a emergência da cooperação e da competição; as funções das estruturas e, mesmo, as diferenças entre os variados grupos e seu impacto nos indivíduos (RECUERO, 2009, p. 21)

Desse modo, os espaços digitais refletem os processos sociais e culturais que acontecem na realidade offline, porém com a questão de que são espaços mais abrangentes com diferentes configurações, o que interfere extensivamente em tais processos. Portanto é pertinente dizer que as redes sociais digitais são mais complexas, sendo constituídas por uma quantidade maior de pessoas do que em relação as redes offline. Recuero enfatiza que por meios dessas redes virtuais os indivíduos têm acesso a valores diferentes de capital social, o que dá espaço para a existência dos chamados influenciadores, bem como o acesso irrestrito aos mais diversos tipos de informação impactam no consumo de conteúdo.

O *YouTube* é uma plataforma digital criada em 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Steve Karim que permite aos seus usuários assistir e compartilhar vídeos, bem como outros tipos de materiais, além disso também disponibiliza fóruns para que as pessoas interajam e troquem informações com outros usuários do mundo inteiro, essas interações se dão por meio de comentários, curtidas e compartilhamento que podem ocorrer em outras plataformas. O site também é utilizado como ferramenta de distribuição de produtos audiovisuais por criadores de conteúdo e anunciantes de marcas e serviços, acabando por se transformar num importante espaço de lucros financeiros.

Tendo em vista o tema abordado no presente trabalho, durante a coleta de dados, levou-se em conta também a alta recorrência de conteúdos postados relacionados a temática de “erros de português”. Ao pesquisar palavras relacionadas ao tema, os resultados foram inúmeros vídeos com milhares até milhões de visualizações e um alto volume de comentários que em sua maioria concordam com o conteúdo apresentado por mais preconceito que tais conteúdos apresentem.

4.2 Parâmetros de coleta e vídeos selecionados

Os dados para a análise foram coletados por meio dos resultados obtidos ao realizar busca no campo “pesquisar” disponibilizado pela plataforma, isso por meio das palavras-chave: “reagindo a pessoas falando errado”, “pessoas falando errado” e “piores erros de português”. Os critérios utilizados para a seleção dos vídeos se basearam nos resultados obtidos na pesquisa realizada, utilizando o filtro de classificação por Relevância e Data de envio³

Desses resultados, foram selecionados três vídeos, sendo um para cada palavra-chave pesquisada. Dessa forma, referente ao termo “reagindo a pessoas falando errado” o vídeo selecionado aparece em primeiro lugar tanto ao se pesquisar pelo critério de relevância, quanto pelo maior número de visualizações. Tem como título “TENTE NÃO RIR - PESSOAS FALANDO ERRADO [+10]” e até o momento em que foi realizada a pesquisa, contava com 5.219.007 visualizações, a data de postagem foi em

³ Após a exibição dos resultados dos termos digitados na caixa de pesquisa de qualquer página do YouTube, é habilitada a ferramenta **Filtro**, na qual são disponibilizadas as opções para escolher a ordem de exibição dos resultados. O item **relevância** diz respeito aos vídeos mais acessados e mais procurados do momento, podendo ser vídeos mais antigos ou recentes. O item **Data de envio** diz respeito aos vídeos postados em datas mais recentes.

18 de agosto de 2018, no canal “Felipe Neto”. Para o termo “pessoas falando errado” o vídeo selecionado aparece em nono lugar. A escolha se deu pela quantidade de visualizações, pois dentre os principais resultados esse é o com maior número, contando com 542.675 visualizações até o momento que foi realizada a pesquisa sua data de postagem foi em 5 de fevereiro de 2016. Para o termo “piores erros de português”, o vídeo selecionado aparece como resultado ao se utilizar o critério “Data de envio”. Optou-se por esse critério, pois ao pesquisar por relevância apareciam vídeos antigos, dessa forma, para a obtenção de dados mais recentes foi realizada essa escolha. Até a data da pesquisa o vídeo escolhido contava com mais de 40 mil visualizações.

Em relação aos comentários analisados, estes foram selecionados de acordo com o conteúdo apresentado em sua composição que se relacionam diretamente com o tema desse trabalho e com base na sua recorrência. Também foram considerados os comentários com maiores números de curtidas, pois se considerou que foram mais bem recebidos pelos demais espectadores dos vídeos, logo, foram avaliados como positivos, ainda que marcados por um discurso excludente mediado pela própria linguagem.

5 PRECONCEITO E RISO A PARTIR DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A variação é um fenômeno inerente a todas as línguas, não é certo dizer que determinadas variedades são feias ou erradas enquanto outras são corretas, bonitas e devem ser as únicas aceitas. O que existe são aquelas que se aproximam, mais ou menos, da norma padrão. Para Bagno

[...] não há razão para atribuir maior ou menor valor à forma linguística A ou à forma linguística B. Seria algo tão inaceitável quanto um zoólogo achar que as borboletas têm mais valor do que as joaninhas e que, por isso, as joaninhas devem ser eliminadas (BAGNO, 2009, p. 34).

Diante das diferenças apresentadas pelas línguas, os falantes desenvolvem atitudes em relação ao modo de falar do outro, que podem vir a ser negativas ou positivas, dependendo de como tais variedades são reconhecidas na sociedade, isto é, de quanto prestígio essas variedades dispõem. Levando isso em consideração, o riso se configura então como uma atitude em relação às variações linguísticas presentes na sociedade. Conforme apontam Vieira e Neto (2018), uma de suas diversas funções é a da crítica, pois quando provocado, o que ocorre por causa do estranhamento diante do diferente, o riso pode atuar de maneira a corrigir o comportamento do sujeito que de alguma forma se desvirtuou do padrão esperado pela comunidade social. Segundo os autores:

[...] o riso crítico, atua como um objeto de poder inconsciente sendo tratado como um elemento da disputa entre as variantes e que busca exercer certo controle sobre as variantes consideradas de menos prestígio no cenário nacional. (VIEIRA; NETO, 2018, p.70)

Segundo Bergson (2018), o riso indica a inadaptação do homem à sociedade. Sendo assim, o sujeito que não segue o padrão sofre correção da sociedade para que se adeque, isso se aplica a comportamentos de diferentes naturezas, incluindo aqueles de natureza linguística. Ainda conforme o autor entre as funções do riso está a de humilhar aquele que é seu objeto. Nessa perspectiva, portanto, o riso se realiza como uma manifestação de atitude negativa em relação a um comportamento considerado inadequado, no caso da língua isso ocorre em relação às variantes estigmatizadas. Conforme explica Bagno (2007):

O preconceito contra o jeito falar provoca um sentimento de humilhação nos indivíduos alvos de discriminação, muitas vezes as pessoas acabam se

sentindo intimidadas para falar da forma que estão habituadas por medo de serem ridicularizadas.

Na perspectiva acerca do humor, Possenti (1998) afirma que este nem sempre é progressista, para o autor:

O que caracteriza o humor é muito provavelmente o fato de que ele permite dizer alguma coisa mais ou menos proibida, mas não necessariamente crítica, no sentido corrente, isto é, revolucionária, contrária aos costumes arraigados e prejudiciais. O humor pode extremamente reacionário, quando é uma forma de manifestação de um discurso veiculador de preconceitos (POSSENTI, 1998, p.49).

Por esse prisma, quando o objeto do humor é a variação linguística, o foco não é apenas a ideia do “erro” em si, mas o que está vinculado a ela. Associa-se geralmente aos desvios da norma culta, a falta de inteligência e ignorância, conceitos que na maioria das vezes são associados a pessoas com baixa escolaridade e poder econômico. Dessa forma, o humor foca-se em levar ao riso por meio de um tema relevante para a sociedade, a variação linguística, no entanto, não de forma positiva, ou para condenar preconceitos, mas para reforçá-los. Ri-se dos falantes das variantes estigmatizadas e não do preconceito que a sociedade manifesta contra estes.

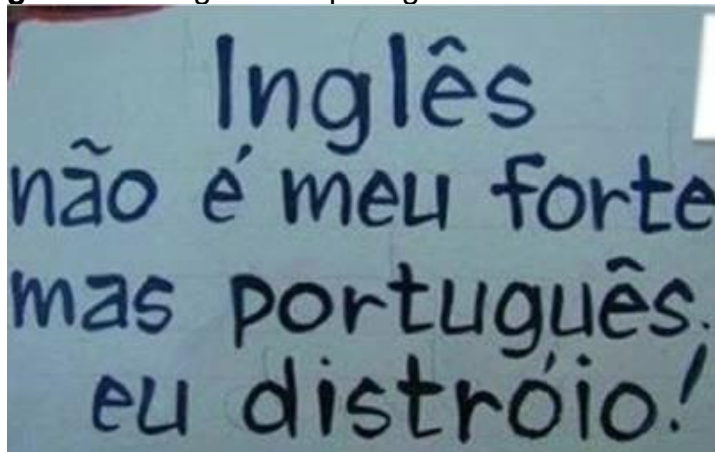
5.1 Análise do preconceito linguístico em publicações na rede YouTube

Para apresentar as análises realizadas, inicialmente é contextualizado o conteúdo do vídeo analisado, em seguida são apresentadas as descrições dos áudios ou os prints utilizados no vídeo com o intuito de serem alvo dos comentários do público, selecionados de forma servirem como uma síntese sobre o tratamento recebido pelas variedades apresentadas no vídeo, isto é, apenas alguns dos áudios e imagens são utilizados para a análise, pois a maioria se assemelham em conteúdo e as observações do dono do canal (quando houver). Após a descrição de cada vídeo, são expostos seus respectivos comentários. Ao longo do texto, estão apresentadas análises e observações com base no referencial teórico já apresentado ao longo deste trabalho

O seguinte vídeo aparece como resultado ao se pesquisar o termo “piores erros de português”. Tem como objetivo gerar humor a partir da observação de desvios ortografia oficial e norma gramatical na escrita de placas com diferentes propósitos comunicativos. No vídeo são utilizados recursos como distorção da imagem em

alguns momentos, trilha sonora de fundo divertida e *inserts*⁴ de vídeos de memes no meio da fala do *Youtuber*, recursos esses comumente usados em vídeos de tom humorístico postados na plataforma.

Figura 1 - Imagem “em português eu distróio” Vídeo 1



Trecho 1 – Enunciado do youtuber – Acesso em: 13/07/2022

A. “Distróio” é bom , “distróio” é bom

[

B. destruiu mesmo

A primeira imagem apresentada pode ser interpretada tanto como um desvio não intencional da ortografia oficial ou como uma piada em relação à língua, pois há sinais de que a intenção do autor é gerar humor ao cometer um erro aparentemente proposital, visto que não apresenta intenção de comunicar informação relevante apesar de estar em um cartaz. O *YouTuber* em questão tece comentários acerca da forma como foi escrita, a qual está em desacordo com a norma ortográfica padrão, e há uma segunda pessoa que acrescenta suas próprias observações. Foram selecionadas apenas algumas imagens entre as utilizadas durante o vídeo, pois os conteúdos das imagens são semelhantes, portanto foi selecionado aquilo que parece mais representativo.

Trecho 2 - Enunciado do youtuber – Acesso em: 13/07/2022

Preciso só dizer uma coisa, embora eu brinque muito com erro de português, o que importa é a mensagem. A mensagem tem que ser passada.

⁴ Imagens captadas em outro momento, ou outros vídeos fora de contexto, e inseridas na edição

Figura 2- Imagem "Lave as mão"



Trecho 3 - Enunciado do youtuber

Lave as mão é o que? É o que você segura com um e aí você lava a sua outra...entendeu? Cê num precisa lavar as duas.(...) Eu lavo **AS** mãos.

Como visto, na observação apresentada, feita em um momento anterior do vídeo, o *YouTuber* demonstra ter algum conhecimento sobre variação linguística, destacando através de sua fala um ponto vastamente defendido pelos estudos linguísticos, especialmente na sociolinguística, o de que a língua está sujeita a variação e mudanças e que desde que atinjam o objetivo de comunicar, qualquer manifestação é válida. Segundo Bagno, olhando pela perspectiva linguística tudo tem o seu valor, portanto determinadas variações não devem ser consideradas erradas só porque não estão de acordo com a norma padrão, para o autor “toda e qualquer manifestação linguística está sujeita a regras e tem sua lógica interna” (BAGNO, 2009, p. 34).

Levando em conta o locais nos quais esses desvios estão registrados, vale destacar ainda que segundo Bagno “em cartazes e placas não aparecem ‘erros de português’ e, sim ‘erros’ de ortografia” (BAGNO, 2013, p.123) Dessa forma, pequenos erros como esses não prejudicam a intenção do autor da placa, pois a mensagem ainda continua fazendo sentido, a instrução está clara, apesar do desvio gramatical.

No caso da placa apresentada no vídeo a intenção é de orientar para que as pessoas lavem as mãos após utilizarem o sanitário, e possível perceber que a mensagem em nada foi prejudicada pela falta do “s” na palavra “mão”, pois não faz nenhum sentido que a orientação seja lavar apenas uma das mãos, pois assim não estaria completa a higiene. O autor do vídeo entende isso, mas coloca sua observação para enfatizar quão errada está a escrita da placa, além disso ao dar essa ênfase ele tem a intenção de gerar humor.

Figura 3 - Imagem "PROSIMO DO MURO" Vídeo 1



Trecho 5 - Enunciado do youtuber - Acesso em: 13/07/2022

A. “Não amarre cavalo próximo do muro”

[

B. **PRÓSIMO**

A. “[...] dá mau cheiro/Jesus...”

Em relação a imagem é perceptível que o que existe uma condenação ao desvio cometido na escrita do aviso na parede, a qual apresenta um erro de grafia na palavra “próximo” escrita com “s” em vez de “x”. Essa troca se dá por meio de uma analogia. Segundo Bagno (2007):

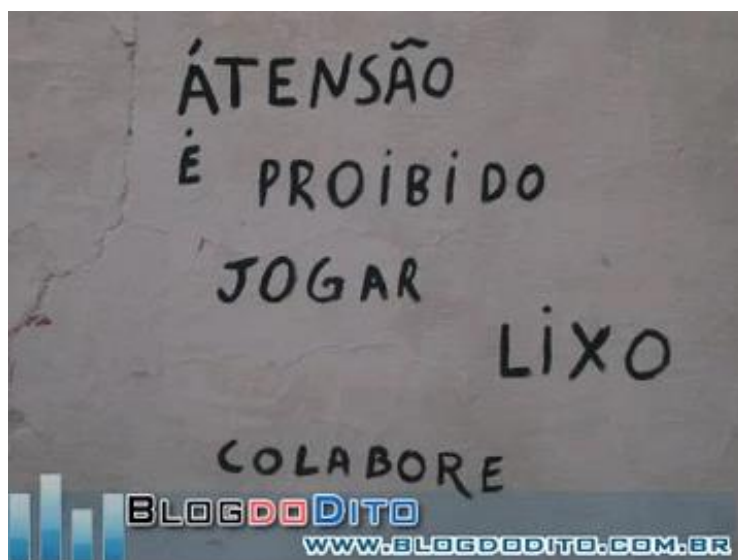
a língua escrita é uma tentativa de analisar a língua falada, e essa análise será feita, pelo usuário da escrita no momento de grafar sua mensagem, de acordo com seu perfil sociolinguístico. Uma pessoa com poucos anos de escolarização, pouco habituada à prática da leitura e da escrita, tendo como quadro de referência apenas uma suposta equivalência unívoca entre som e letra, fará uma análise dotada de reduzido instrumental teórico, empregando como ferramenta básica a analogia. (BAGNO, 2007, p.126)

Portanto, há uma lógica contida nessa grafia alternativa da palavra em questão que o Youtuber parece desconsiderar ao julgar como um erro inaceitável, além de claramente achar engraçado através, algo perceptível pela manifestação de risadas, ele emite uma avaliação através do proferimento da palavra “Jesus”. Ao realizar esse proferimento ele está expressando sua indignação frente ao desvio ortográfico cometido pelo autor do aviso. Segundo Bakhtin (2010):

não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial (BAKHTIN, 2010, p. 99 *apud* VALERIO; DIEDRICH, 2012, p. 3)

Nessa perspectiva, no proferimento da palavra “Jesus” pelo Youtuber está contido um sentido de preconceito diante de uma variedade linguística que pode ser explicada por um fenômeno coerente. Ou seja, há um preconceito contra essa forma de falar, porque ela é associada a indivíduos de baixa escolarização e, por muitas vezes, à ignorância, sendo assim se configura como um preconceito social.

Figura 4 - Imagem "ÁTENSÃO" Vídeo 1



Trecho 6 - Enunciado do youtuber - Acesso em: 13/07/2022

A.O que importa é a mensagem “Não amarrem o cavalo perto do muro” pronto.
 Átensão, é proibido logar lixo, colabore/ **Pelo menos escreveu lixo certo**
 É
Atensão que que deixou um pouco tenso Atensão ((risos))

Mais uma vez o Youtuber faz a observação acerca da importância de o enunciado ser compreendido pelos interlocutores, apesar de conter desvios da norma padrão, mas ainda sim demonstra entender o “erro” como algo engraçado e que deve ser corrigido. Também há presença de outra pessoa que o auxilia na produção do vídeo que também faz declarações sobre as sentenças escritas nas placas. Percebe-se através da análise das observações feitas pelo dono do canal, que ele ignora o conhecimento que tem da língua como um sistema heterogêneo e dinâmico, passível de sofrer variações, pois além de expressar o fato de estar achando os “erros” engraçados também compartilha suas avaliações, referentes aos textos, de maneira jocosa, a fim de levar sua audiência ao riso.

Nesse sentido conforme explica Bagno (2009) discursos puristas podem vir disfarçados de liberalismo, no qual o indivíduo reconhece que é errado discriminar a maneira de falar de outras pessoas, mas continua defendendo que o uso correto da língua é através da norma padrão. O autor também afirma que esses discursos também aparecem disfarçados de “um humor duvidoso”, pois primeiro o sujeito conquista a simpatia de seu interlocutor para acabar convencendo que no Brasil se fala o português de maneira errada.

Os seguintes comentários foram postados no vídeo em questão. Ao fazer a leitura é possível perceber que a audiência concorda com o tom humorístico utilizado pelo dono do canal ao tratar das variantes apresentadas. Através de *emojis* e onomatopeias como “kkkkkk”, os autores de tais comentários indicam achar graça tanto das observações realizadas pelo Youtuber quanto dos supostos erros de português presentes nas placas mostradas. De acordo com Andrade (2013) “O cômico é provocado pela observação das falhas humanas em uma perspectiva corretiva, diante dos olhos do observador.” (ANDRADE, 2013, p.40).

Figura 5 - Captura de tela comentário “português mau dizido” vídeo 1

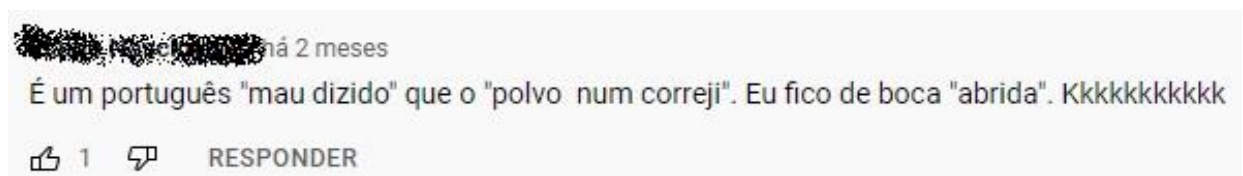
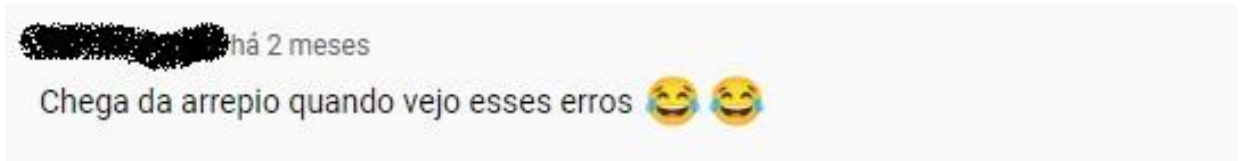


Figura 6 - Captura de tela comentário “chega dá arrepio” Vídeo 1



Em ambos os comentários se observa a ênfase no erro seguida do riso, representados pela utilização de “kkkkkkkk” e emojis que significam que a pessoa está chorando de tanto rir. No segundo além das risadas está presente também um discurso repleto de ironia uma vez que a pessoa está simulando um erro de escrita com o intuito de fazer piada que é de cunho depreciativo.

Nos dois comentários seguintes, os autores se identificam como professores de língua portuguesa, porém ainda sim manifestam preconceito linguístico em suas falas, dessa forma é possível supor que tais profissionais ainda estão ligados a concepção de que a língua é algo pronto, que não deve sofrer nenhuma alteração e que existe um código de leis que devem ser seguidas, independentemente de qualquer coisa. Da mesma forma utilizam expressões e emojis mostrando que acham os “erros” engraçados.

Figura 7 - Captura de tela Comentário “como futuro professor de língua portuguesa” do vídeo 1

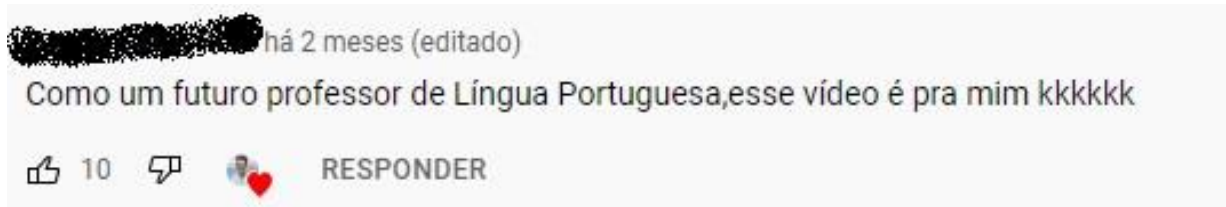


Figura 8 - Captura de tela Comentário “como professora de letras” do vídeo 1



Cabe ainda destacar que esses profissionais estão ignorando o que orienta os PCNs, no que diz respeito as variações linguísticas. Nesses documentos está especificado que a questão do ensino de língua não é a correção dos erros e sim da adequação dos usos, ou seja, o que importa é que o ensino de língua seja tratado como um instrumento na construção de saberes dos alunos, no que diz respeito a

sua comunicação e a construção de sua identidade por meio da linguagem. Conforme exposto nos PCNs do Ensino Fundamental (BRASIL, 1998):

Para cumprir bem a função de ensinar a escrita e a língua padrão, a escola precisa livrar-se de vários mitos: o de que existe uma forma correta de falar, o de que a fala de uma região é melhor da que a de outras, o de que a fala correta é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso consertar a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. (BRASIL, 1998, p. 31).

No seguinte comentário, a pessoa afirma que mesmo em conversas que podem ser escritas de maneira coloquial, ela corrige segundo a norma padrão que considera como a única correta. É curioso observar que a própria pessoa não está fazendo uso da variação que considera como a única aceitável, uma vez que não utiliza de pontuação, bem como utiliza letra maiúscula no começo de cada palavra, além de errar na grafia do nome “WhatsApp”.

Figura 9 - Captura de tela Comentário “eu corrijo todos” do vídeo 1



O seguinte vídeo aparece como resultado ao se pesquisar o termo “pessoas falando errado”. Nesse não há uma pessoa presente no vídeo para apresentar o conteúdo o qual é constituído por áudios que foram retirados do *WhatsApp* ou simulam conversas do app. Pela descrição do vídeo é possível perceber que a intenção é fazer a audiência rir, uma vez que apenas possui escrita uma risada representada por “Kkkkkk”.

O primeiro áudio apresentado no vídeo em questão apresenta a seguinte fala:

Trecho 7 – Áudio apresentado no vídeo - Acesso em: 13/07/2022

“Ei minha gente, abriu um samblei, eu acho que é samblei. Eu não escrevi porque pra não passar vergonha né?! ((risos)) O samblei, aquele da televisão. ((risos)) Abriu um ali perto do Todo dia, é massa visse?! A gente podia ir pra lá também né, comer um hamburguerzinho, alguma coisa assim”

Logo no início da fala é possível perceber que a pessoa do áudio possui receio de ser julgada por não saber a forma correta de pronunciar palavra em inglês *subway*. É perceptível primeiramente porque a pessoa alega ter optado por falar em vez de

escrever, mas mesmo utilizando da linguagem oral ela não consegue pronunciar de acordo com o idioma original /'sʌbweɪ/

Trecho 8 - Áudio apresentado no vídeo 2 - Acesso em: 13/07/2022

Olha minha gente, minha cama tá tão gelada, tão gelada. Parece que tinha um “aucisberg”...um aucisberg um aucisb um auci um aci... Aquele gelo. Parece que caiu um aucis daquele na minha cama, tá gelada...

Trecho 9 - Áudio apresentado no vídeo 2 - Acesso em: 13/07/2022

A consideração mas não tá ruim visse aqui não, desculpa aí. Tinha picanha, muito carangueijo, muito skol e muita Hagne ((né ragne?))

Nos dois áudios é possível notar que existe a ocorrência do mesmo tipo de desvio do primeiro, pois os falantes têm dificuldades em pronunciar palavras pertencentes a um idioma diferente do nativo, no caso o português. Tais dificuldades podem ser explicadas pela falta de conhecimento acerca das línguas em questão, o inglês e o holandês. Essa falta de conhecimento se dá provavelmente porque essas pessoas não tiveram acesso a um nível de educação formal que lhe dessem a possibilidade de aprender outras línguas. O que se configura, no caso específico do Inglês, um problema que além de linguístico é social, pois o idioma é considerado importante numa perspectiva econômica e o acesso ao ensino dessa língua é mais difícil para aqueles com baixo poder aquisitivo.

Trecho 10 - Áudio apresentado no vídeo - Acesso em: 13/07/2022

Eu quero que você venha colocar uma pa patrileria pa-patrileria miséria de vidro no meu quarto! Você vem quando? Praterera le lera lera de vrido. Vem quando colocar?

Na fala presente nesse áudio ocorre o fenômeno chamado de metátese nas palavras “patrileria” (prateleira) “vrido” (vidro). Esse fenômeno consiste na deslocação um fonema ou uma sílaba dentro da mesma palavra pelo falante. Segundo apontam Hora, Telles e Monaretto (2007), a metátese é fenômeno antigo e persistente na Língua Portuguesa e sempre foi considerado irregular e restrito a erros de fala ou à linguagem da criança, porém segundo os autores esse é um fenômeno que é mais produtivo do que normalmente se supõe. Ainda de acordo com Hora, Telles e Monaretto:

[...] a implementação da metátese em português se restringe a variedades não-padrão, representa fenômenos distintos, e sua explicação deverá ser mais

facilmente alcançada a partir das perspectivas sincrônica e diacrônica; o uso da metátese não é aleatório, decorre da conjugação de fatores sociais e estruturais. (HORA, TELLES e MONARETTO, 2007, p.179)

Ou seja, essa variação não pode ser definida simplesmente como um erro, pois sua ocorrência não é aleatória, está condicionada a restrições que como afirmam Hora, Telles e Monaretto (2007) são a direcionalidade, o domínio prosódico e o contexto segmental.

Figura 10 - Captura de tela comentário “região chamada tarará” do vídeo 2

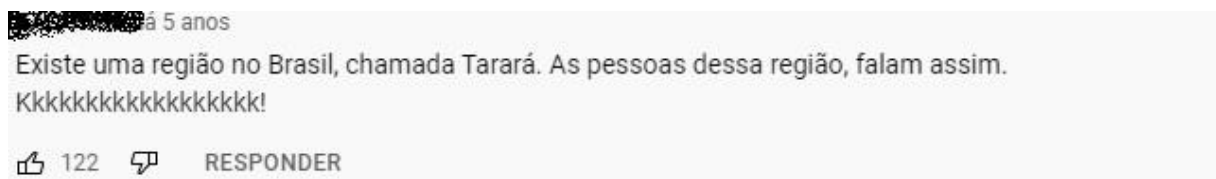
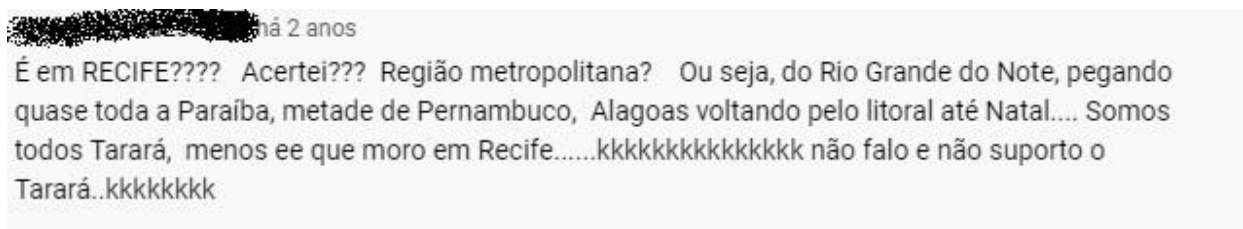


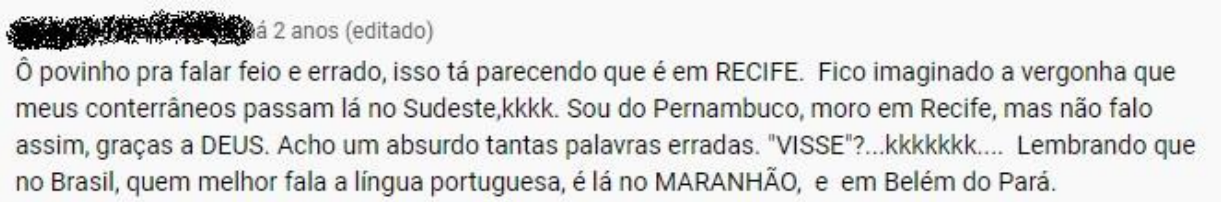
Figura 11 - Captura de tela comentário “somos todos tarará” do vídeo 2



Nos comentários referentes aos áudios apresentados no segundo vídeo, é possível perceber um preconceito linguístico referente as variantes falada na cidade de Recife, localizada no Estado do Pernambuco, região Nordeste. As variantes faladas nessa região historicamente sofrem preconceito principalmente por parte das regiões Sul e Sudeste. O que é possível perceber é que um dos autores dos comentários, apesar de se dizer pernambucano, Recifense, também demonstra ter uma atitude negativa em relação ao falar do estado e da região. Conforme aponta Hora (2011, p. 19), “o fato de pensarmos na existência de uma língua padrão, afeta o modo como os falantes pensam sua própria língua e a língua em geral.”

Nessa perspectiva, os próprios falantes de variantes estigmatizadas adotam as atitudes negativas em relação ao seu modo de falar por acreditarem que por estarem em divergência com a norma padrão, estão errados. Assim, para Hora (2011), os falantes não têm consciência de que foram condicionados por posições ideológicas de poder “eles normalmente acreditam que suas atitudes em relação a língua sejam de senso comum e assumem que, virtualmente, todos concordam” (HORA, 2011, p. 19).

Figura 12 - Captura de tela comentário “o povinho pra falar feio” do vídeo 2


 [Redacted] há 2 anos (editado)
 Ô povinho pra falar feio e errado, isso tá parecendo que é em RECIFE. Fico imaginado a vergonha que meus conterrâneos passam lá no Sudeste, kkkk. Sou do Pernambuco, moro em Recife, mas não falo assim, graças a DEUS. Acho um absurdo tantas palavras erradas. "VISSE"?... kkkkkkk... Lembrando que no Brasil, quem melhor fala a língua portuguesa, é lá no MARANHÃO, e em Belém do Pará.

O discurso preconceituoso presente nesse comentário baseia-se na ideia de que existe uma língua bem falada, e que em contexto brasileiro apenas no estado do Maranhão ela é respeitada. Bagno (2007) aborda sobre a mitologia do preconceito linguístico, e lista 8 mitos que permeiam o imaginário dos brasileiros no que se refere a língua portuguesa. Entre os mitos citados pelo autor está o que se refere a essa ideia presente no comentário. É o mito de número 5 o qual defende que “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”. Segundo Bagno essa ideia nasce da subserviência que existe dos brasileiros em relação ao português de Portugal. Essa concepção se baseia no fato de no Maranhão ainda se usar o pronome tu, seguido das formas verbais clássicas, com terminação em -s que caracteriza a segunda pessoa, como por exemplo “tu queres”, com regularidade, diferentemente de outros locais no país que esse pronome foi substituído por “você”. O autor enfatiza que mesmo no referido estado, tão utilizado como exemplo do falar bem pelos puristas, não são seguidas todas as regras da gramática normativa. De acordo com Bagno (2007)

O que acontece com o português do Maranhão em relação ao português do resto do país é o mesmo que acontece com o português de Portugal em relação ao português do Brasil: não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente “melhor”, “mais pura”, “mais bonita”, “mais correta” que outra. Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. (BAGNO, 2007, p. 47)

Isso significa que o comentário está equivocado, pois desconsidera a pluralidade que a língua portuguesa falada no Brasil apresenta, assim como todas as línguas humanas.

Trecho 11: Enunciado Felipe Neto- Acesso em 13/07/2022

((risos)) se vira para a parede escondendo o rosto enquanto ri
 "tá tão gelada que acho que tem um aucisblerg"
 ((risos)) aucisblerg não mano, tu não viu o Titanic não tia? Titanic tia, **eles falam Iceberg oito mil vezes** ((risos)) aucisblerg Bruno... ((risos))
 ((risos))
 Aquele gelo ((risos)) aquele gelo... chegou uma hora que eu achei que ela tava falando que tinha um alce na cama. Tá ligado? Eu tava imaginando um alce na cama!

Analisando os comentários realizados pelo Youtuber durante o vídeo, é possível perceber que seu discurso está repleto de preconceito linguístico, no entanto o roteiro do vídeo foi construído com o propósito de fazer graça através de erros de pronúncia, dessa forma escolha de utilizar o humor para tratar das variações linguísticas funciona como uma estratégia para disfarçar tal preconceito. Em certo momento do vídeo, Felipe faz a seguinte declaração a respeito do mesmo áudio apresentado no outro vídeo objeto de análise nesse trabalho, no qual o falante não consegue pronunciar a palavra Subway da forma correta. Ademais na sua fala o Youtuber faz uso de uma variante que não está de acordo com a norma considerada padrão, ou seja, o discurso preconceituoso tem como alvo apenas variantes estigmatizadas, sendo assim esse preconceito se configura como social. Conforme Bagno (2009) esse é um uso que se faz da norma tradicional como um instrumento de humilhação e discriminação do outro, como se aquele que aponta para o erro tivesse uma inteligência superior aos falantes que fazem uso de variedades alternativas.

Trecho 11: Enunciado Felipe Neto- Acesso em 13/07/2022

((risos)) Vamo comer um hamburguer no samblei, vamo? Vamo, bora partiu hamburgão no samblei. Pô, o pior e que é muito errado rir da pessoa, porque ela não e obrigada a saber falar “Subway”, ela não é obrigada, não é da língua dela essa palavra mano... Ahhh meu Deus, mô! Vamo no samblei? Vamo comer um hamburguer?

Felipe Neto, assim como o outro Youtuber, também demonstra ter algum conhecimento a respeito das variações linguísticas existentes, porém ele escolhe desconsiderar as diferenças no falar das pessoas para alcançar seu objetivo que é o de produzir humor. Ao reconhecer que a pessoa não tem obrigação de saber pronunciar uma palavra que não e de seu idioma nativo, ele deixa claro isso. O fato de o *Youtuber* rir da pronúncia e repetir de forma irônica a variedade do enunciado presente no áudio, configura-se como uma atitude negativa em relação ao falar do outro, que está disfarçada como uma simples brincadeira.

Figura 13 - Captura de tela comentário “ri tanto que até chorei” do vídeo 3

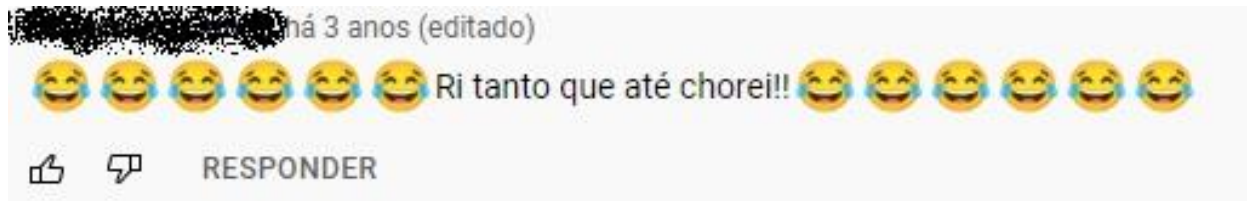
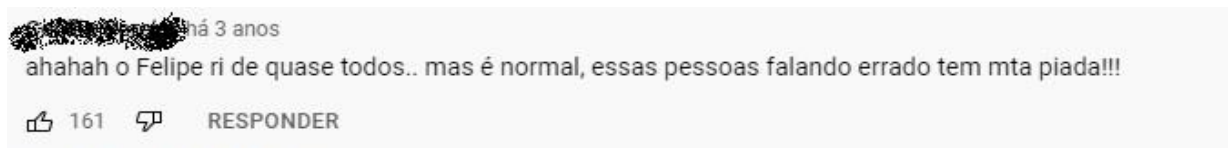


Figura 14 - Captura de tela comentário “essas pessoas falando errado tem muita piada” do vídeo 3



Percebe-se pelos comentários postados, referentes ao vídeo, que o propósito de gerar humor a partir de erros de pronúncia que foi alcançado com sucesso. A audiência dá uma resposta positiva em relação as falas proferidas durante o vídeo. Dessa forma é possível perceber nos discursos veiculados nos comentários representam a manifestação de atitudes negativas em relação às variantes estigmatizadas.

Por fim, cabe enfatizar que o propósito desta pesquisa não é alimentar qualquer tipo de manifestação de ódio ou a “cultura do cancelamento” contra determinadas pessoas, uma vez que as análises foram realizadas de acordo com estudos sociolinguísticos dos autores que compõem a base teórica da pesquisa, e além disso cabe salientar que as pessoas citadas no texto sofrem influência do meio social que estão inseridas. Não se pretendeu fazer juízo de valor direcionado a pessoas específicas.

Conforme aponta Bagno, o apego obsessivo à tradição normativa provoca a manifestação de atitudes que se baseiam em motivos que se revelam irracionais e acabam promovendo o descaso e a desconsideração dos fatores linguísticos, sociais e culturais. Como visto nos vídeos e comentários, os discursos estão ligados a essa tradição normativa, não foram realizados considerando todos os fatores que influenciam nas expressões linguísticas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou analisar as manifestações de preconceito linguístico em vídeos e comentários postados na rede YouTube, que têm a língua como tema trabalhada numa abordagem de cunho humorístico. Diante do exposto, compreende-se que o humor utilizado nos vídeos funciona ao mesmo tempo como um disfarce para os discursos preconceituosos e como difusor de preconceito linguístico e social.

Observou-se através dos discursos contidos nos enunciados tanto dos vídeos quanto dos comentários, que as crenças e atitudes demonstradas por parte dos indivíduos são baseadas na ideia da padronização da língua. Esses indivíduos manifestam preconceito diante de variações provenientes de diversas naturezas sempre baseando-se na ideia de que a língua é uma só, aquela defendida nos manuais e no ensino tradicional, e entendendo-a como um sistema fechado que não permite mudanças. Observou-se também que apesar das avaliações apresentadas pelos Youtubers serem baseadas no senso comum, estes demonstram ter algum conhecimento da língua sob o ponto de vista da sociolinguística, porém ainda sim, optam por continuar a veicular discursos preconceituosos com o pretexto de gerar riso para seu público. Portanto o que esses profissionais consideram como válido é o objetivo de gerar humor independente de estar sendo expresso de forma preconceituosa que fere de alguma forma a dignidade de outras pessoas.

A importância deste estudo se dá por possibilitar a observação de como esse fenômeno se dá no contexto online, pois as relações sociais realizadas nesse cenário são um reflexo da forma como acontece no mundo real, porém configuradas de maneiras diferentes, isto é, o impacto é maior, devido a elevada abrangência de diferentes sujeitos sociais, ao tempo que as interações se realizam e permanecem, entre outros fatores.

Ainda, é pertinente apontar que esta pesquisa pode ser aprimorada, no que se refere à teoria, bem como à metodologia. Assim, outras investigações podem se delinear a partir do que foi observado, por meio de: a) coleta a partir de entrevistas com os usuários dessa rede social; b) análise de manifestações de atitudes em relação a linguagem em vídeos com propósitos diferentes e focos diferentes, inclusive educacionais; c) análise de comentários sobre essa temática em outras redes sociais. O desdobramento de pesquisas oportuniza análises diversas guiadas por um mesmo

fenômeno da linguagem.

Por fim é necessário enfatizar que o preconceito linguístico deve ser combatido, imprescindivelmente também no âmbito das redes sociais, pois no meio virtual as pessoas se sentem mais livres, para julgar, criticar e manifestar atitudes preconceituosas sem reservas. Espera-se que esta pesquisa, e as análises realizadas sobre a plataforma YouTube, configurem-se como formas de combate ao preconceito linguístico, além de desmascarar as estratégias que utilizam os discursos humorísticos para espalhar preconceito de forma implícita e aparentemente natural, pois o preconceito linguístico está relacionado a motivações que vão além da língua como forma de identidade do indivíduo, está relacionado também seu valor dentro da sociedade.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 2, n. 37, p. 105-112, maio/ago. 2008.
- AGUILERA, V. A; SILVA, H. C. **O poder de uma diferença**: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. *Alfa*, São Paulo, 58 (3): 703-723, 2014
- ALKMIM, T. M. **Sociolinguística**: Parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 21-44.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 41. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BAGNO, M. **Não é errado falar assim**: Em defesa do Português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: Por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BALTHAZAR, L. L. **Atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros em criciúma (sc) e região**. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.
- BARROS, D. L. P. **Preconceito e intolerância**: Reflexões linguístico-discursivas. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.
- BERGSON, H. **O Riso** ensaio sobre a significação do cômico. 1. ed. São Paulo: Edipro, 2018.
- BORTONI-RICARDO. S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- BOTASSINI, J. O. M. A Importância dos Estudos de Crenças e Atitudes para a Sociolinguística. **Signum**: Estudos da linguagem. 2015. p.102-131.
- CEZARIO, M.M.;VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M.E.(org) **Manual de Linguística**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- CROCHÍK, J.L. **Preconceito e Educação Inclusiva**. Brasília: SDH/ PR, 2011.
- COELHO, I.Z. *et al.* **Sociolinguística**. Florianópolis: UFSC, 2012.
- CORBARI, C. C. **Atitudes linguísticas**: Um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Bahia (UFBA).

FIORIN, J. L. Os Aldrovandos Cantagalos e o preconceito lingüístico. In: SILVA, Fábio Lopes da & MOURA, Heronides Melo de M. (orgs.) **O Direito à Fala: a Questão do Preconceito Lingüístico**. Florianópolis: Insular, 2000. P. 27-28.

HORA, D. **Variação dialetal e atitude**. In HORA, Dermerval da; NEGRÃO, E. V. (org.). *Estudos da Linguagem: casamento entre temas e perspectivas*. João Pessoa: Ideia, 2011. p. 15-36.

HORA, D. Sociolinguística(s)?. In MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto; HORA, Demerval da. (orgs). **Linguagem: Variação e estrutura da língua**. Campinas: Pontes Editores, 2021. p. 15-34.

HORA, D.; TELLES, S.; MONARETTO, V. N. O. **Português brasileiro: uma língua de metátese?** Porto Alegre. *Letras De Hoje*, 2008. v. 42, n. 2, p. 178-196.

KAUFMANN, G. Atitudes na sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 121-137.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

VELOSO, R. As três ondas da sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas. In: **XVII Congresso Internacional Associação De Linguística E Filologia Da América Latina (ALFAL)**, 2014, João Pessoa.

OLIVEIRA, M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

POSSENTI, S. **Língua na Mídia**. São Paulo: 1 ed. Parábola, 2009.

POSSENTI, S. **Humor, Língua e Discurso**. São Paulo: 1 ed. Contexto, 2014.

POSSENTI, S. **Os humores da língua: Análises linguísticas de piadas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

PROPP, V. **Comicidade e riso**. Tradução Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RODRIGUES, A.; ASSMAR, E.M.L; JABLONSKI, B. **Psicologia Social**. Petrópolis: 27 ed. revista e ampliada. Vozes, 2009.

SANTOS, R.E. Reflexões teóricas sobre o humor e o riso na arte e nas mídias massivas. In: SANTOS, R.E; ROSSETI, R. (orgs). **Humor e riso na cultura midiática: Variações e permanências**. São Paulo: Paulinas, 2012. p.17- 61.

SANTOS, L.B. **Humor e preconceito linguístico em não seja burro!**: uma análise dialógica do discurso. 2020. Dissertação de Mestrado (Graduação em Letras) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras.

SCHERRE, M. M. P.. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: Variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SOUSA, R. M. P. **Palavrões e palavras ofensivas em contexto futebolístico**: a atitude linguística de internautas do Twitter. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2022.

TENTE NÃO RIR - PESSOAS FALANDO ERRADO [+10]. 2018. 1 vídeo (11 min). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w40PI0i7Po&t=556s&ab_channel=FelipeNeto. Acesso em: 13 Jul. 2022.